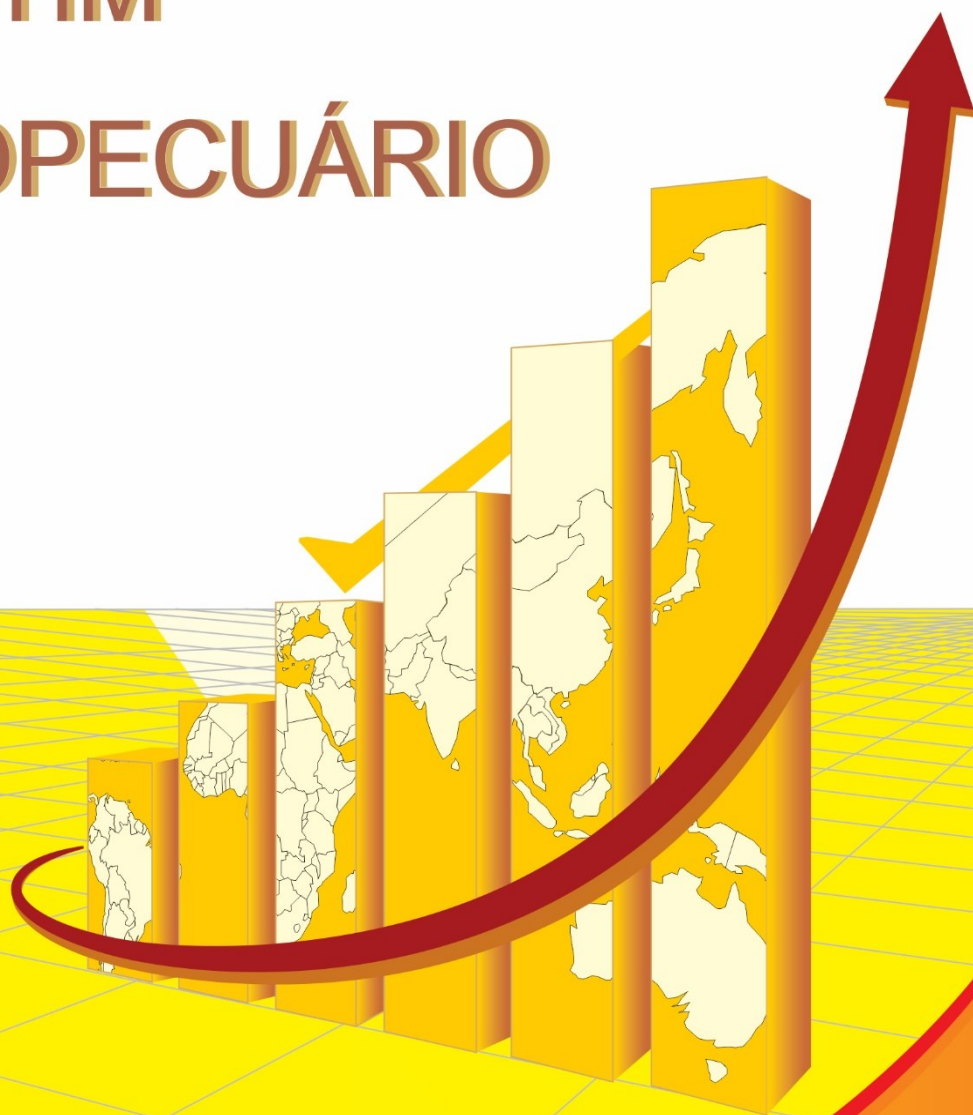


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 311

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Júnior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: maio de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Abril/2020. Florianópolis, 2020, 50p. (Epagri. Documentos, 311).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

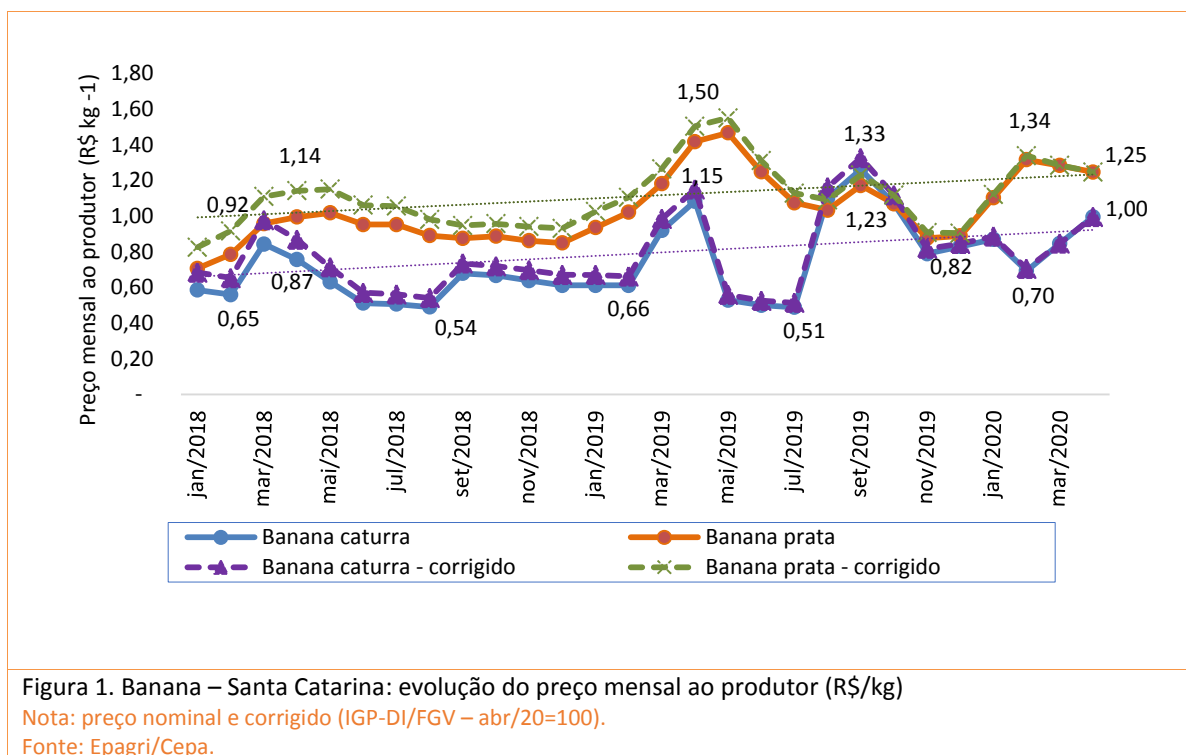
Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	20
Trigo.....	23
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola	28
Pecuária	31
Avicultura.....	31
Bovinocultura	37
Suinocultura.....	42
Leite	49

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Entre março e abril de 2020 houve valorização de 17,7% nas cotações da banana-caturra, especialmente em função do aumento na demanda relativa e redução da oferta da fruta. No primeiro quadrimestre de 2020, os preços apresentaram queda de 1,00% em relação ao mesmo período do ano passado. Mas, no comparativo entre os quatro primeiros meses de 2020 e 2018 as cotações estão 7,8% valorizadas. As cotações no mês de abril de 2019 e de 2020 apresentaram desvalorização de 13,4%, sendo que a demanda está retraída e a produção nos bananais da microrregião Norte Catarinense estão aumentando. A estratégia está sendo escoar a produção para a exportações e a comercialização em cadeias curtas e busca de mercados locais e redes de varejo.

As cotações da banana-prata apresentaram desvalorizações de 2,9% entre março e abril de 2020, devido à estiagem nas lavouras da microrregião Sul Catarinense, que afetou a qualidade da fruta. No primeiro quadrimestre de 2020, os preços apresentaram aumento de 1,9% em relação ao ano anterior. Mas, no comparativo entre os quatro primeiros meses de 2020 e 2018 as cotações no período estão 25,0% valorizadas, devido a forte redução da oferta da variedade no sul do estado. A cotações no mês de abril de 2019 e de 2020 apresentaram desvalorização de 17,1%, pois o escoamento da produção está afetado pela baixa qualidade da fruta, redução no transporte e distribuição para outras regiões e estados em função das medidas de controle da COVID-19. A expectativa é o aumento da oferta da fruta nas lavouras e distribuidores locais.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Abr./20-Mar./20
	Dez./19	Fev./20	Mar./20	Abr./20	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,12	0,51	0,90	0,99	9,5
Prata	0,85	1,38	1,21	1,20	-0,7
Sul Catarinense					
Caturra	0,88	0,87	0,94	1,02	8,5
Prata	0,95	1,25	1,35	1,29	-4,7

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense, as cotações da banana-caturra vêm aumentando desde o início do ano, devido a baixa oferta da fruta nos bananais. Desde março, as regiões produtoras começaram a sentir os efeitos das precipitações abaixo das médias históricas, com redução no enchimento dos cachos e consequente diminuição na oferta. A comercialização foi afetada com o aumento do estoque nos distribuidores e redes varejistas locais, com menores volumes de compras e com maior frequência. A estratégia é a comercialização de frutas com estágio de maturação menos avançado, antecipando a colheita, além do aumento das exportações da fruta para os países do Mercosul.

No Sul Catarinense a estiagem afetou os bananais, com perdas de cerca de 4% da produção estimada para 2020. A expectativa é que a diminuição na oferta da banana-prata aumente o preço nos próximos meses, com maior demanda pela variedade em mercados locais, redes varejistas e centrais de abastecimento.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Abr. 20/Mar. 20
	Dez. 19	Fev. 20	Mar. 20	Abr. 20	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,67	1,32	1,59	1,43	-10,0
Prata	1,67	2,22	2,14	1,90	-11,1
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,61	1,20	1,60	1,65	3,0
Prata	1,71	2,04	2,01	2,07	2,8
Sul Catarinense					
Caturra	1,55	1,46	1,45	1,60	9,8
Prata	1,62	1,92	1,96	1,98	0,6

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

Em março e abril de 2020, ocorreram cancelamentos de entregas de bananas do Norte Catarinense aos estados do Sudeste, reflexo da suspensão das atividades escolares públicas, devido às medidas de isolamento social para prevenção de contágio da Covid-19, com consequente redução na demanda para fornecimento para merenda escolar. Em março de 2020, houve redução expressiva de 73% na quantidade em relação ao volume médio de bananas catarinenses comercializadas nas centrais de abastecimento do país no último quinquênio (Prohort/Conab, 2020). Na relação entre o primeiro trimestre de 2019 e 2020, a redução foi de 78,9% nos volumes comercializados, passando de 18,7 mil toneladas em 2019, para 3,9 mil toneladas em 2020. Mas, houve crescimento mensal médio nos volumes comercializados da fruta de origem catarinense de 12,4%, entre janeiro e março de 2020, o que justifica, em parte, as dificuldades de venda ou entrega do produto nas principais regiões produtoras.

Tabela 3. Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças do Brasil – 2020

Praça	Mês			Variação (%) Abr./20-Mar./20
	Fev./20	Mar./20	Abr./20	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,27	1,31	1,06	-19,1
Prata	2,54	2,60	2,08	-20,0
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,10	1,37	1,03	-24,8
Prata	2,50	2,48	2,05	-17,3
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,02	1,37	1,20	-12,4
Prata	1,95	2,12	1,87	-11,4
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica	-	-	-	...
Prata	2,17	2,24	1,89	-15,6

⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras do Nordeste, houve desvalorização nas cotações das duas variedades com a retração na demanda e dificuldades no escoamento da produção aos principais distribuidores e centrais de abastecimento no Sudeste, devido às medidas sanitárias para controle da COVID-19. No Sul e Sudeste, também houve problemas de escoamento da produção, que refletiram na desvalorização dos preços da fruta. A expectativa para o mês de maio é de menor oferta devido às menores temperaturas no Sul e Sudeste, que reduzem o desenvolvimento das plantas nos bananais, com ampliação relativa da demanda e necessidade de adequações das estratégias para atender o mercado com o controle da pandemia.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2019 e 2020

Microrregiões	Estimativa 2019			Estimativa 2020			Variação (%) 2019-2020		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Prod. (%)	Rend. médio (%)
Blumenau	4.408	128.582	29.172	4.412	128.455	29.114	0,1	-0,1	-0,2
Itajaí	4.018	112.900	28.101	4.021	112.788	28.053	0,1	-0,1	-0,2
Joinville	12.714	352.720	27.743	12.730	354.862	27.876	0,1	0,6	0,5
Araranguá	5.728	81.561	14.238	5.678	80.657	14.205	-0,9	-1,1	-0,2
Criciúma	1.393	24.845	17.835	1.339	20.894	15.605	-3,9	-15,9	-12,5
Tubarão	79	681	8.663	76	648	8.478	-2,9	-5,0	-2,1
Outras	1.027	18.282	17.808	1.028	18.444	17.943	0,1	0,9	0,8
Total	29.366	719.571	24.504	29.284	716.748	24.476	-0,3	-0,4	-0,1

Fonte: Epagri/Cepa e LSPA/IBGE.

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Ao contrário do que era esperado para este período do ano, com a colheita em estágio final, os preços ao produtor apresentaram alta significativa em abril. Comparativamente ao mês de março, em abril o preço médio em Santa Catarina aumentou 5,79% e quase 10% no Rio Grande do Sul. Na primeira quinzena de maio é observado o mesmo cenário, com alta de aproximadamente 4% nos preços ao produtor em Santa Catarina e 7% no Rio Grande do Sul. Em razão dessa perda de referência e alta dos preços, é possível observar valores que oscilam entre R\$47,00 e R\$58,00 a saca de 50 kg no estado, a depender da região e da demanda das indústrias (Figura 1). Cabe salientar dois aspectos. O primeiro se refere ao aquecimento da demanda pelas indústrias, visando repor os estoques para atender ao excesso de demanda pelos consumidores por receio de desabastecimento devido à pandemia da COVID-19, o que tem segurado a alta dos preços. Esse aumento expressivo dos preços levou muitos produtores a comercializarem imediatamente suas produções. No entanto, alguns ainda aguardam cotações mais elevadas. A permanência desses preços depende de alguns fatores, em especial o comportamento da demanda, que já dá sinais de desaquecimento no varejo. O segundo aspecto relevante se refere aos entraves logísticos em decorrência da pandemia. A ausência de fretes de retorno, principalmente do Sudeste, e dificuldades no suporte aos caminhoneiros, tornaram o frete mais caro, já sendo observados repasses aos mercados varejistas.

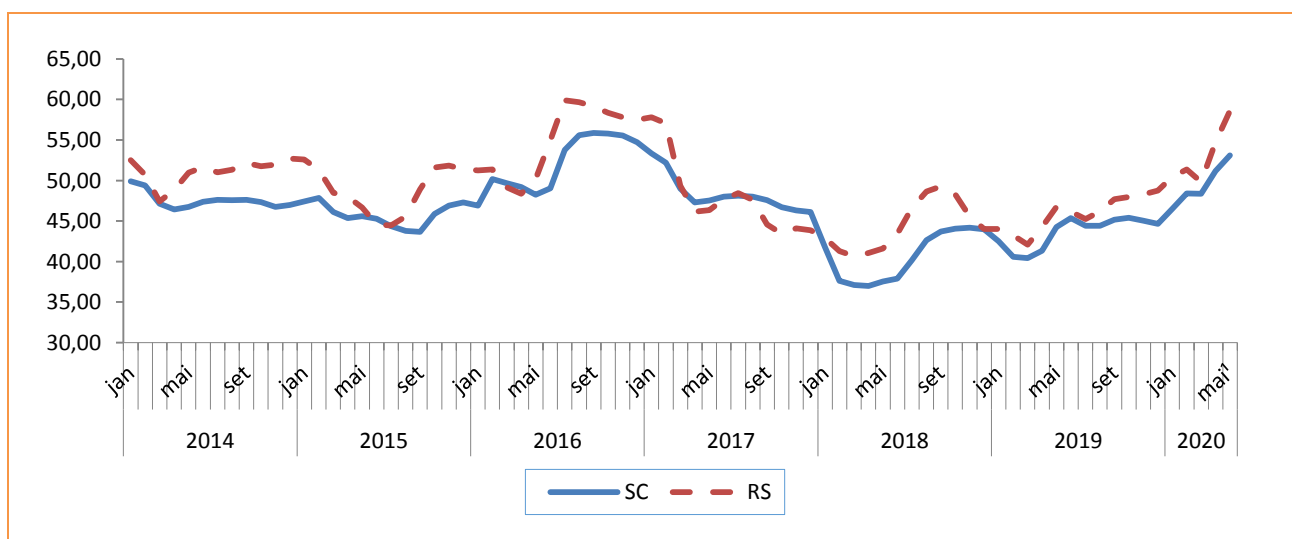


Figura 1. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a maio/2020) – R\$/sc 50kg

⁽¹⁾ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de maio de 2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS).

Mercado externo

O destaque no mercado externo são as importações realizadas pelo estado de janeiro à abril de 2020. Santa Catarina já importou cerca de três vezes o volume do mesmo período do ano passado e 55% do total importado em todo o ano de 2019 (Figura 2). As principais origens foram Uruguai, Paraguai e Itália, que são parceiros tradicionais do estado. Uma das explicações para essa quantidade importada são os elevados preços ao produtor no mercado interno. Por outro lado, o estado exportou entre janeiro e abril de 2020 cerca de 2,3% a mais que o volume total exportado em 2019. Os principais destinos foram África do Sul, Senegal e Namíbia.

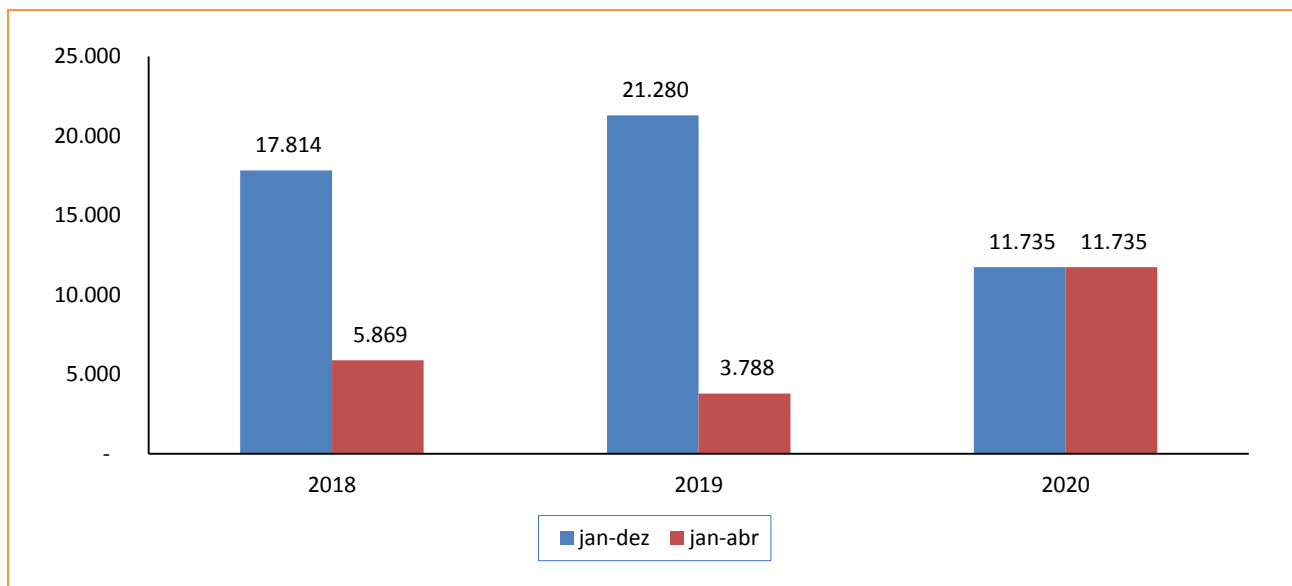


Figura 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: importações de 2018 a 2020 (toneladas)

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS).

Comparativo de safra

A colheita da safra 2019/20 de arroz irrigado em Santa Catarina foi encerrada. Embora a semeadura tenha atrasado em relação à safra anterior, principalmente entre a primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem que atingiu o estado entre os meses de agosto e outubro, a safra transcorreu normalmente. A estimativa atual da safra 2019/20 aponta para uma leve redução na área plantada, que deverá ser de 143,05 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19, em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração, deverá ser superada na safra 2019/20, fechando em 8.054kg/ha, cerca de 4,6% maior. Cabe destacar o bom desempenho da safra no sul do estado, que confirmou produtividades bem acima das observadas no ano safra anterior. No Alto Vale do Itajaí, também se confirmaram rendimentos superiores aos do ano anterior na microrregião de Rio do Sul. No Litoral Norte e Baixo Vale do Itajaí, observou-se que a safra principal se desenvolveu bem, mas a colheita da soca teve rendimentos baixos, principalmente pela ocorrência de cigarrinha ‘sogata’, que ocasionou prejuízos em muitas lavouras. Contudo, ao final da safra apenas as microrregiões de Ituporanga e Blumenau tiveram produtividades menores em relação à safra passada.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20

Microrregião	Saфра 2018/19			Estimativa atual Saфра 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	400.782	7.778	0,00	4,46	4,46
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	71.696	8.675	0,52	-0,67	-1,18
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	165.812	7.967	0,00	11,61	11,61
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	2.000	14.300	7.150	2,56	5,22	2,59
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,77
Ituporanga	190	1.772	9.326	185	1.573	8.500	-2,63	-11,26	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.768	86.671	8.873	-0,14	3,48	3,63
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,54	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.588	160.881	7.814	-1,62	1,88	3,56
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	143.046	1.152.070	8.054	-0,28	4,31	4,60

Fonte: Epaagri/Cepa (Agosto/2019).

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em abril, os preços do feijão voltaram a subir em Santa Catarina e em todos estados acompanhados. Para o feijão-carioca, na praça de referência de Joaçaba, a elevação dos preços no mês chegou a 45%. Em comparação há um anos, os produtores estão recebendo 47% a mais. Nos demais estados, a alta no preços médio do feijão-carioca varia de 19 a 38%. Para o feijão-preto, os preços pagos aos produtores também tiveram alta. Em Santa Catarina, a variação do preço médio mensal foi de 33%, no Paraná alta de 31%, e no Rio Grande do Sul de 16%.

A alta nos preço é motivada pela baixa oferta de produto, com a procura sendo maior do que é oferecido pelos produtores ao mercado atacadista. As geadas que começaram a ser registradas na Região Sul do país, associadas à estiagem que atinge a região desde o final do ano passado, reforçam a tendência de redução na produção, o que configura um possível desabastecimento do mercado nacional nesse período. Há expectativa de que essa situação perdure até o início da colheitanos estados que realizam produção irrigada.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – Safra 2019/2020 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Abril/2020	Março/2020	Variação mensal (%)	Abril/2019	Variação (%) abril/2020 – abril/2019
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão Carioca	270,50	186,07	45,38	183,75	47,21
Paraná		304,17	219,92	38,31	222,58	36,66
Mato Grosso do Sul		329,04	265,23	24,06	220,41	49,29
Bahia		277,50	224,55	23,58	241,25	15,03
São Paulo		296,61	248,32	19,45	223,65	32,62
Goiás		299,52	244,55	22,48	227,22	31,82
Santa Catarina	Feijão Preto	182,04	136,86	33,01	141,24	28,89
Paraná		191,13	145,31	31,53	130,53	46,43
Rio Grande do Sul		177,16	151,89	16,64	164,61	7,62

⁽¹⁾ Preço da praça de referência de Joaçaba, SC.

Fonte: Epaagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS, BA, GO, MS). Abril, 2020.

A Bolsa de Cereais de São Paulo, que é a principal balizadora nacional de preços no mercado atacadista, continua fora de operação. Segundo o Informativo Bolsinha, que acompanha o mercado atacadista de feijão, o mercado segue com comportamento estável, com elevação nas cotações. No dia 11/05 as cotações da saca de 60kg do feijão-carioca extra (nota 9) ficou entre R\$370,00 e R\$375,00, e para o feijão-preto extra entre R\$270 e R\$275 a saca.

Safra

Para o feijão 1ª safra, a área plantada estimada em todo estado está em 35,2 mil hectares, área praticamente idêntica à cultivada na safra passada. Em relação à produção, deverão ser colhidas cerca de 60,5 mil toneladas, contra as 62,7 mil toneladas colhidas na safra 2018/19, ou seja, uma redução de 4,0%. O motivo principal dessa redução foi a estiagem que atingiu as lavouras no final do ciclo produtivo.

As lavouras de feijão 2ª safra continuam sendo afetadas pela estiagem. Até a última semana de abril, cerca de 4% da área plantada havia sido colhida. As microrregiões mais adiantadas nessa fase são: Canoinhas (20%), São Bento do Sul (40%) e São Miguel do Oeste (20%). Em todo estado, cerca de 78% da área plantada encontra-se com lavouras em fase de floração e aproximadamente 20% já avançaram para a fase de maturação.

Em condições normais, a produtividade média estadual gira em torno de 1.500kg/ha, mas para essa safra é esperada uma produtividade bem menor. Regionalmente, observa-se que a região de Canoinhas estima um produtividade média de 780kg/ha; Criciúma 725kg/ha; São Miguel do Oeste 1.65kg/ha e Ituporanga 1.150kg/ha.

Para a 2ª safra de feijão é esperada uma área plantada de 24,8 mil hectares, o que representa uma redução de 9% em relação à safra passada. Com as perdas provocadas pela estiagem, a previsão é de uma redução na produção de 14%, resultando uma colheita de aproximadamente 35,3 mil toneladas.

Tabela 2. Feijão 2ª safra – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019		Estimativa atual – Safra 2019/2020		Variação (%)	
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Área	Quant. prod.
Araranguá	621	571	602	379	-3	-34
Blumenau	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	-	-	-	-	-	-
Canoinhas	3.110	3.165	1.220	951	-61	-70
Chapecó	2.921	4.852	2.400	3.737	-18	-23
Concórdia	85	143	85	170	0	19
Criciúma	2.421	2.797	2.416	1.749	0	-37
Curitibanos	-	-	-	-	-	-
Florianópolis	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	1.620	2.414	1.265	1.455	-22	-40
Joaçaba	-	-	-	-	-	-
Joinville	-	-	-	-	-	-
Rio do Sul	628	868	521	492	-17	-43
São Bento do Sul	200	150	60	39	-70	-74
São Miguel do Oeste	1.825	2.585	2.057	2.192	13	-15
Tabuleiro	-	-	-	-	-	-
Tijucas	-	-	-	-	-	-
Tubarão	1.185	1.220	1.181	796	0	-35
Xanxerê	12.695	22.310	13.055	23.325	3	5
Santa Catarina	27.311	41.075	24.862	35.285	-9	-14

Fonte: Epagri/Cepa. Abril, 2020.

Em junho, ocorrerá o fechamento da safra de feijão no estado. Até o momento, a estimativa é do cultivo de cerca de 60 mil hectares para safra de feijão total, e produção de 96 mil toneladas. Confirmando-se essas previsões, no comparativo com a safra 2018/19 haverá uma redução na área plantada de 4% e na produção na ordem de 8%.

Tabela 3: Feijão total – Santa Catarina⁽¹⁾: comparativo entre as safras 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Saфра 2018/2019			Estimativa atual – Saфра 2019/2020			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	695	644	927	656	429	654	-6	-33	-29
Blumenau	92	104	1.130	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.730	8.004	1.035	-1	-47	-47
Canoinhas	8.660	12.464	1.439	7.420	15.371	2.072	-14	23	44
Chapecó	4.982	8.386	1.683	4.609	8.347	1.811	-7	0	8
Concórdia	505	800	1.584	466	757	1.625	-8	-5	3
Criciúma	2.954	3.425	1.159	3.091	2.527	818	5	-26	-29
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	8.355	1.748	-11	-19	-9
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	2.600	4.341	1.670	2.275	3.083	1.355	-13	-29	-19
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.369	3.435	1.450	-2	5	7
Joinville	22	22	1.000						
Rio do Sul	1.231	1.829	1.485	1.117	1.457	1.304	-9	-20	-12
São Bento do Sul	880	1.116	1.269	660	1.239	1.877	-25	11	48
São Miguel do Oeste	3.024	4.887	1.616	2.882	3.861	1.340	-5	-21	-17
Tabuleiro	463	812	1.754	376	451	1.200	-19	-44	-32
Tijucas	170	199	1.171	166	172	1.033	-2	-14	-12
Tubarão	2.158	2.526	1.170	1.954	1.759	900	-9	-30	-23
Xanxerê	18.563	33.435	1.801	19.489	36.557	1.876	5	9	4
Santa Catarina	62.637	103.804	1.657	60.052	95.811	1.595	-4	-8	-4

⁽¹⁾ Feijão total = soma da 1ª e 2ª safras de feijão.

Fonte: Epagri/Cepa. Abril, 2020.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em abril, a média mensal do preço do milho em Santa Catarina foi de R\$43,44/sc de 60kg, 2,1% inferior a março/2020 e 32,8% a abril de 2019 (Figura 1). No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, os preços apresentaram valores, em média, 3,4% inferiores em relação a março.

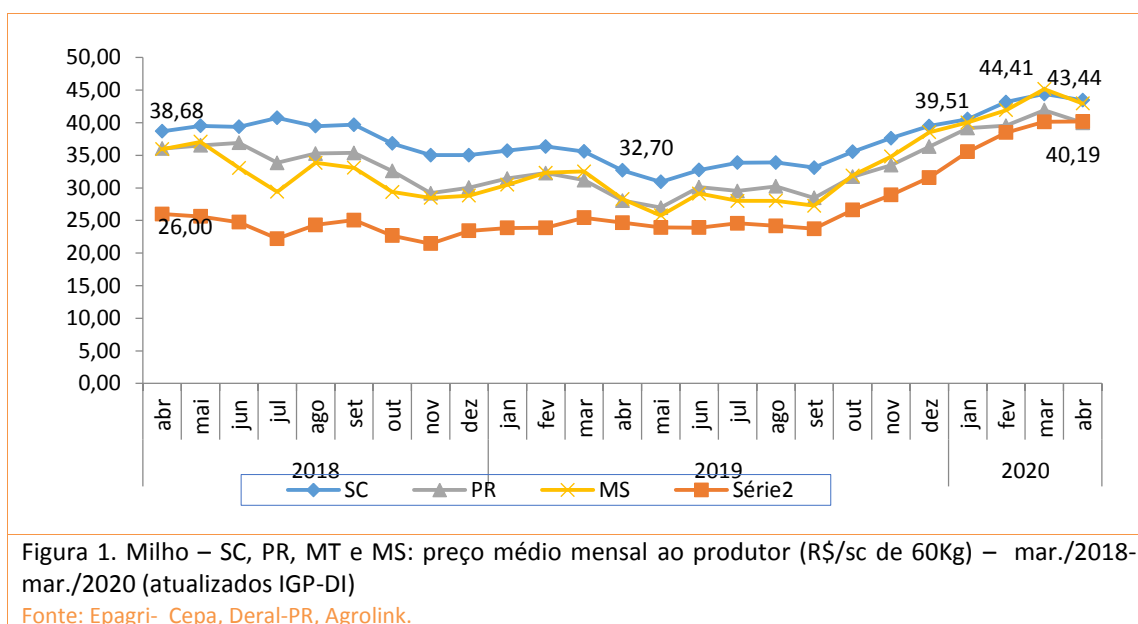


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60kg) – mar./2018-mar./2020 (atualizados IGP-DI)

Fonte: Epagri- Cepa, Deral-PR, Agrolink.

Os fatores que influenciaram os preços no período de abril e maio são:

Fatores de alta	Fatores de baixa
Clima na região Centro Oeste: a estiagem em abril e maio está afetando o desenvolvimento da cultura,	A retração na demanda por carnes, devido a pandemia, nos últimos dois meses deve impactar o consumo de milho para rações no mercado interno;
O câmbio beneficia os preços nos portos, podendo favorecer as exportações no segundo semestre;	A estimativa é de que o estoque final no Brasil passe dos 9,3 milhões de toneladas em abril para 11,1 milhões de toneladas em maio (CONAB), o que alivia um pouco o suprimento; Elevação do estoque mundial com a estimativa de aumento da área e produção nos Estados Unidos.
No primeiro semestre, fatores internos devem prevalecer no comportamento do mercado brasileiro, mas no segundo o mercado externo deverá ter forte influência nos preços.	A desvalorização dos preços da gasolina provocou a diminuição na demanda pelo cereal para produção de etanol nos Estados Unidos e no Brasil.

Preços em abril e maio 2020

Após recordes em março, no mês de abril os preços recuaram. No entanto, a queda não foi maior em função da redução na produção devido à estiagem na segunda safra, em especial no Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai, principais fornecedores do cereal para o estado, e, por consequência, menor oferta do

produto no segundo semestre. O indicador Milho ESALQ/BM&FBOVESPA¹ retrata este cenário. Após alcançar um pico de preço de R\$60,00/sc no final de março, recuo em abril e, no início de maio os preços voltam a registrar alta, em função da expectativa para a segunda safra de milho no Brasil, que representa mais de 70% do total produzido.

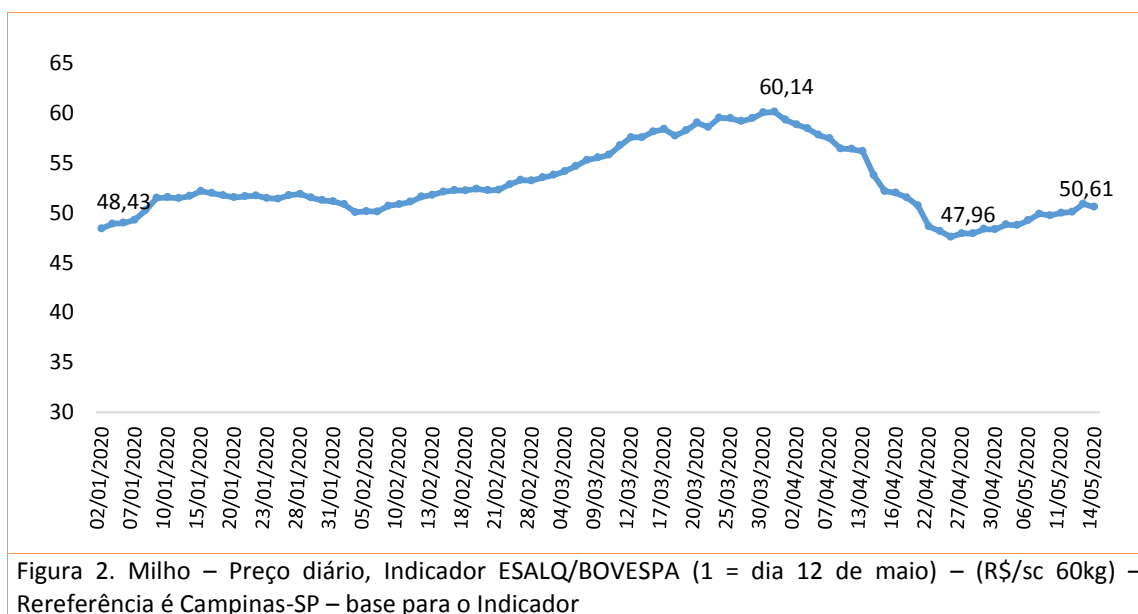


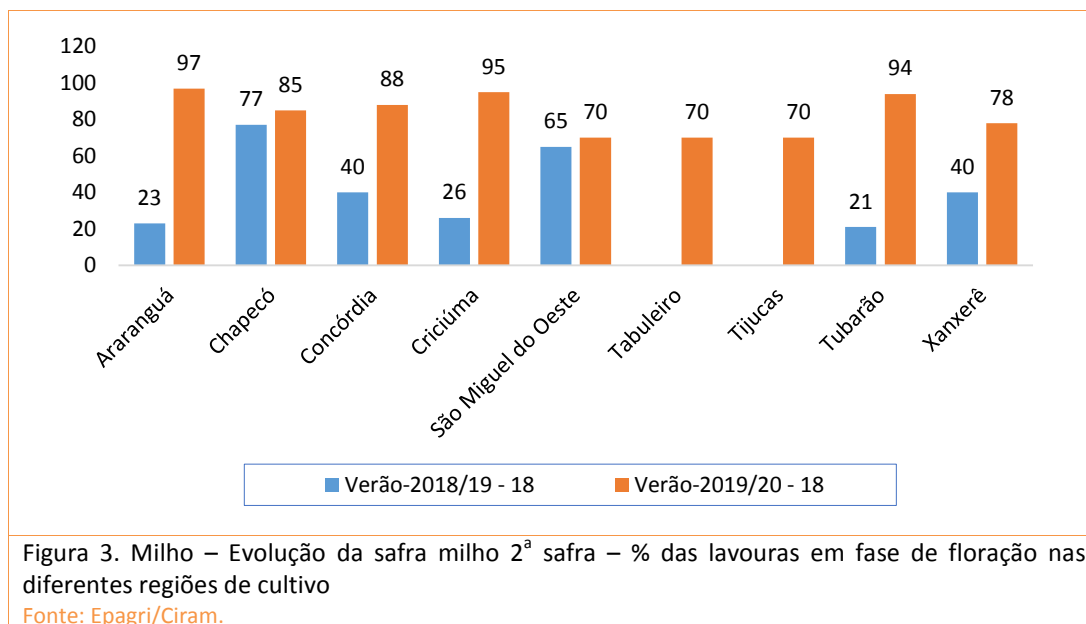
Figura 2. Milho – Preço diário, Indicador ESALQ/BOVESPA (1 = dia 12 de maio) – (R\$/sc 60kg) – Rereferência é Campinas-SP – base para o Indicador

Safra 2019/20

A estimativa de abril de 2020 para a 1ª safra 2019/20 indicou uma área cultivada de 323.126ha (Tabela 1) e 15.504ha na 2ª safra (Infoagro,2020). A expectativa é que a produção do estado na 1ª safra seja de 2,51 milhões de toneladas, com recuo de 9,9% na produção. Nesta atualização, já estão estimadas as perdas registradas para a 1ª e 2ª safras em função da estiagem, podendo ser atualizada até junho, quando fecha a safra 2019/20. As regiões de Curitibaanos, com 25,2%, e Campos de Lages (42,9%) são as que apresentam, até o momento, a maior estimativa de redução da produtividade, por serem as mais afetadas pela falta de chuvas e pelo forte calor em fevereiro e março, o que potencializou as perdas. Independentemente disso, a colheita se encaminha para o término na região, favorecido pelo clima seco em março e início de abril. A colheita da 1ª safra está finalizando, restando as regiões dos Campos de Lages, Curitibaanos, Joaçaba e Ituporanga. Nas demais regiões a colheita está concluída.

Segunda safra: no final de abril, grande parte das lavouras se encontravam na em floração e início de enchimento de grãos (fases críticas para déficit hídrico). A safra deste ano está mais adiantada em relação à passada (Figura 3), devido à forte estiagem e temperaturas elevadas, que ocasionam o encurtamento do ciclo das plantas. Desta forma, com o prolongamento da estiagem no primeiro trimestre do ano, as perdas podem se elevar até a colheita, em especial na 2ª safra.

¹ Esalq/Cepea. In: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/milho.aspx>



Efeitos da estiagem - Safra de verão

Para a cultura do milho grão 1ª safra, que contribui com 97% da produção catarinense, as perdas na produção se aproximam de 10%. Quanto à 2ª safra, que está a campo, as perdas na produção já ultrapassam 18% em comparação à safra 2018/19 (Tabela 1), índice que deverá aumentar com prolongação dos efeitos da estiagem. Para o milho grão total, que representa a soma das duas safras, com área superior a 338 mil hectares, a estimativa de perdas na produção é superior a 10%. A produção esperada até o momento é de 2,59 milhões de toneladas, podendo esta estimativa reduzir conforme avança a colheita.

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: estimativa de perdas – comparativo da safra 2018/2019 e da estimativa atual da safra 2019/2020 (abril)

Cultura	Produção safra 2018/19 (t)	Produção esperada 2019/20 (t)	Varição da produção em relação à 2018/19 (%)
Milho grão 1ª Safra	2,8 milhões	2,52 milhões	-9,87
Milho grão 2ª Safra	101.599 mil	82,98 mil	-18,32
Milho total	2,89 milhões	2,59 milhões	-10,3

Fonte: Epagri/Cepa.

É possível estimar, até o momento, perdas no valor aproximado de R\$129 milhões, em função da redução de 178 mil toneladas (Tabela 2) em relação à expectativa inicial da safra. O valor foi estimado considerando o preço médio mensal pago ao produtor em abril de 2020. O relatório “Efeitos socioeconômicos da estiagem e da pandemia do novo coronavírus sobre a produção agropecuária de Santa Catarina”².

² Efeitos socioeconômicos da estiagem e da pandemia do novo coronavírus sobre a produção agropecuária de Santa Catarina: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Efeitos_socioeconomicos_da_estiagem_e_pandemia.pdf.

Tabela 2. Milho – Santa Catarina: valores estimados das perdas econômicas (R\$ mil) – Prognóstico de abril/2020

Cultura	Produção estimada (tonelada)	Perdas na produção ⁽¹⁾	Valor estimado de perdas (R\$ mil) ⁽²⁾
Milho grão	2.598.608,05	178,29 mil t	129.086,07

⁽¹⁾ Perdas relativa a estimativa inicial para a safra atual.

⁽²⁾ Cálculo com a base de preço médio mensal pago ao produtor (saca de 60kg em abril no estado).

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção nacional³

Milho 1ª safra: com a proximidade do fim da colheita, a produção deve se confirmar em 25,3 milhões de toneladas, 1,5% inferior à safra passada.

Milho 2ª safra: crescimento de 7% na área plantada, com 13,8 milhões de hectares, e estimativa de produção de 75,9 milhões de toneladas.

Milho 3ª safra: as estimativas iniciais de plantios em maio e junho na região da Sealba (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), Pernambuco e Roraima, indicam uma área plantada em torno de 511,2 mil hectares e produção de 1,17 milhão de toneladas. As chuvas acima da média no Nordeste favoreceram os cultivos na atual safra.

Prognóstico da safra mundial e norte americana.

A projeção para a produção global de milho em 2020/21 aponta para volumes superiores à safra passada, principalmente pela recuperação na área cultivada nos Estados Unidos (o relatório de maio 2020 do USDA projeta a safra 2020/21 em 406,3 milhões de toneladas, contra 347 milhões de toneladas da última safra⁴). Nos principais países exportadores (Estados Unidos, Brasil e Ucrânia), estão projetados recordes de produção, assim com a Argentina. Prevê-se que a produção global exceda o consumo pela primeira vez em 4 anos.

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.8 - Oitavo levantamento, maio 2020.

⁴ Grain: World Markets and Trade: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram uma reação de 5,69% em relação ao mês anterior e alta de 24,18% frente ao mesmo mês da safra passada (abril de 2019). No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante, com elevação consistente.

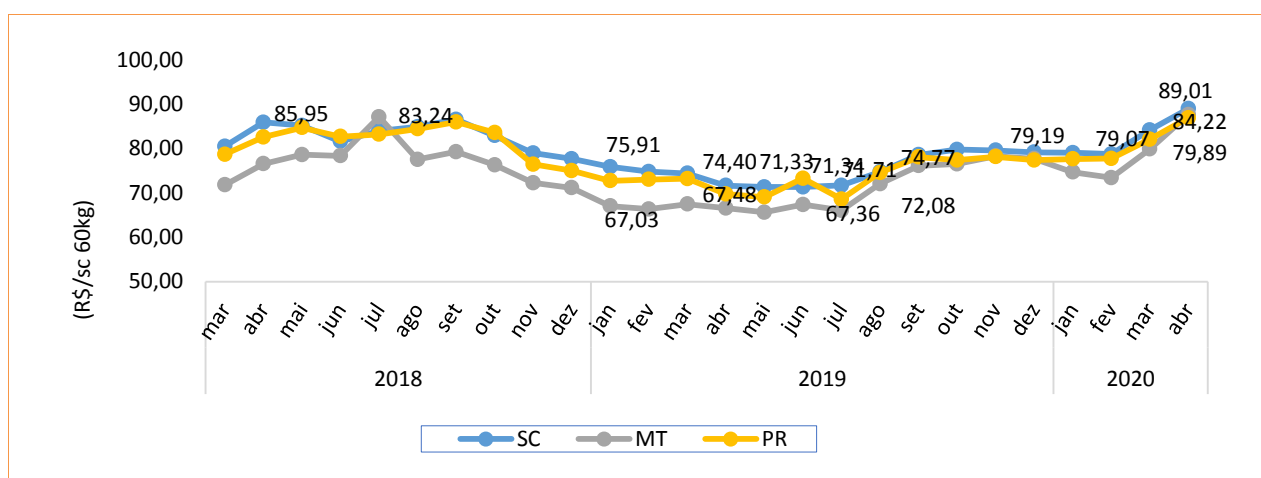


Figura 1. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – mar./2018 a abr./2020

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Os fatores que influenciaram os preços em abril e início de maio foram:

Fatores de alta	Fatores de baixa
O dólar em elevação, acima de R\$5,50 na segunda quinzena de abril e primeiros quinzena de maio, é o principal fator de alta e sustentação dos preços no atual cenário	A pandemia do coronavírus, que impacta na demanda do mercado internacional, reflete nos preços das commodities. Queda nos preços no mercado Chicago (CBOT)
Demanda do mercado chinês, com exportações recordes até abril	Incertezas quanto aos impactos econômicos mundiais da pandemia do novo coronavírus, fator preponderante no momento
Condição climática da safra americana, que pode movimentar o mercado CBOT em alguns momentos, para cima ou para baixo	Aumento dos estoques americanos e boa evolução do plantio da nova safra.

Os preços diários pagos ao produtor (praça de referência de Chapecó) estão reagindo desde fevereiro, impulsionados pela cotação do dólar (Figura 2). Entre os dias 3 de fevereiro e 13 de maio, a saca de soja passou de R\$77,00 para R\$98,00, aumento superior a 21%. Em outras praças, como Joaçaba e Canoinhas, no dia 14 de maio foram registrados preços superiores a R\$100,00/saca. Nos portos, o preço Indicador Soja Esalq/B3-Paranaguá, em 13/05/2020, registrou R\$115,00. No entanto, as cotações externas (CBOT) foram muito mais atingidas pela incerteza global causada pela pandemia da Covid-19, que pressionou, de forma generalizada, as cotações de todas as commodities, enquanto as cotações no mercado interno

permanecem sustentadas, devido às contínuas valorizações do dólar, que se aproxima de R\$6,00. A recuperação da China em relação à pandemia e a reação das exportações brasileiras em março e abril também são fatores que contribuíram no fortalecimento dos preços em março, abril e maio.

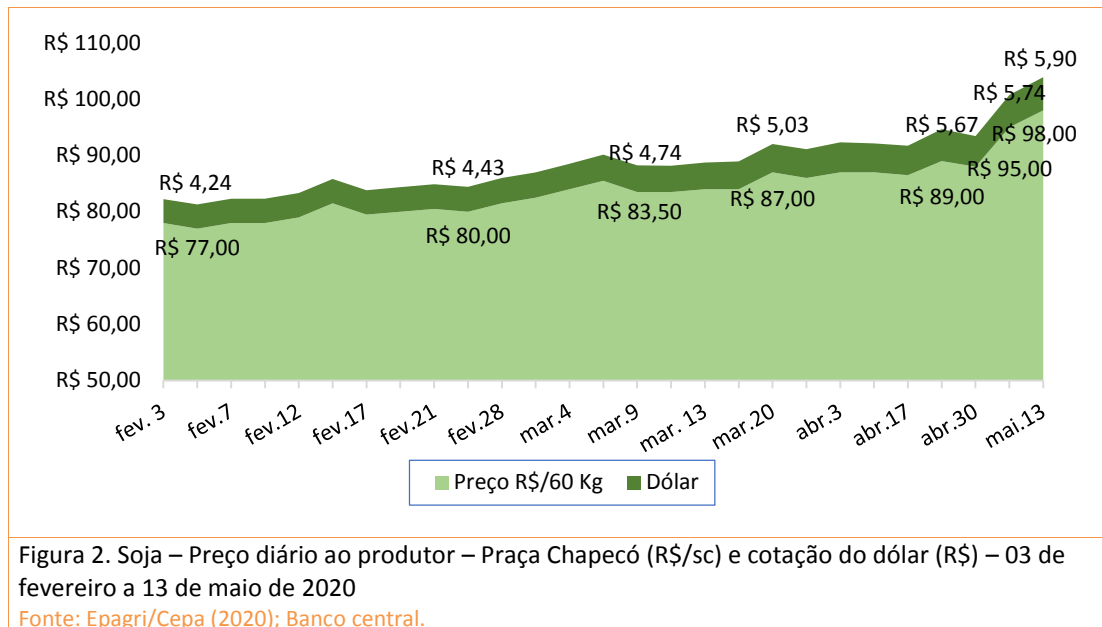


Figura 2. Soja – Preço diário ao produtor – Praça Chapecó (R\$/sc) e cotação do dólar (R\$) – 03 de fevereiro a 13 de maio de 2020

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Banco central.

Exportações de soja – Santa Catarina

Os embarques no primeiro quadrimestre de 2020 somaram mais de 815 mil toneladas, volume recorde em 10 anos, segundo os registros do Ministério da Economia - MDIC⁵ (Figura 3). Mais de 80% foram destinados para, que continua apresentando uma forte demanda. A principal rota de embarques do produto é via Porto de São Francisco do Sul.

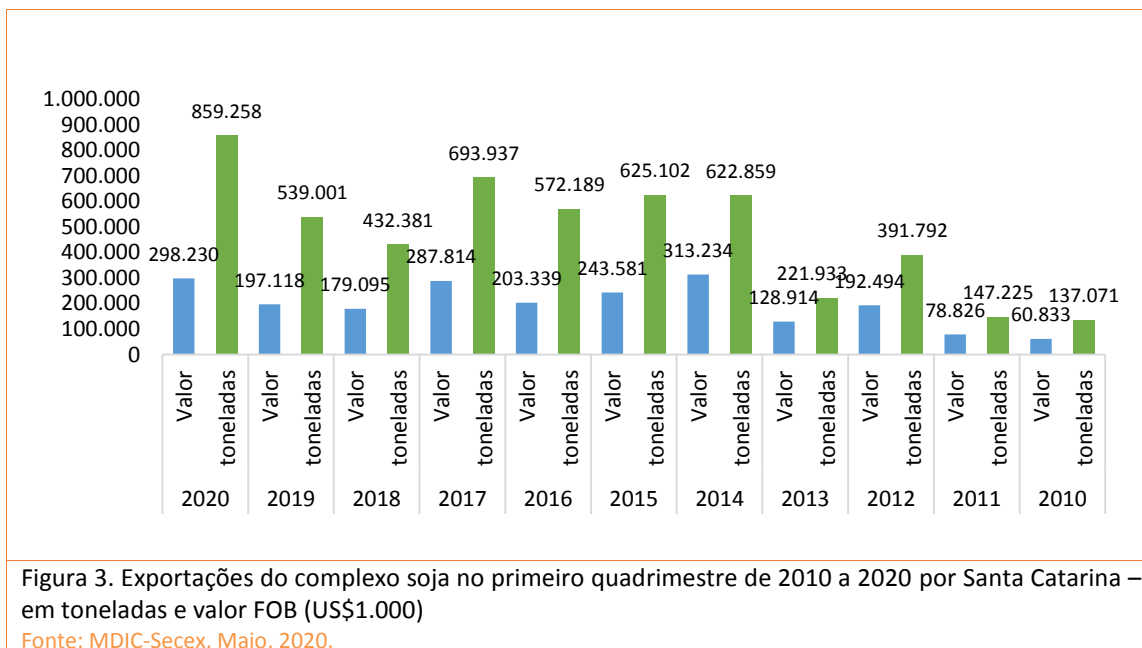


Figura 3. Exportações do complexo soja no primeiro quadrimestre de 2010 a 2020 por Santa Catarina – em toneladas e valor FOB (US\$1.000)

Fonte: MDIC-Secex, Maio, 2020.

⁵ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.

Acompanhamento da safra 2019/20

A área cultivada no estado na safra 2019/2020 é de 687.170 hectares, contra 676.858ha na safra 2018/19 (Sistema Safra, Epagri/Cepa). A produtividade esperada aponta para a redução de 1,92% em relação ao prognóstico inicial, com produção esperada de 2,31 milhões de toneladas. A falta de chuvas nas regiões de Curitiba/Campos Novos e Campos de Lages, em especial em janeiro e fevereiro de 2020, impactaram o rendimento, ocasionando mais de 20% de redução na produtividade. A safra está sendo concluída, com mais de 97% das lavouras colhidas, faltando apenas algumas lavouras das regiões Campos de Lages (safra única), São Miguel do Oeste e Ituporanga (safrinha). Em função da continuidade da estiagem, as perdas podem aumentar.

Tabela 1. Soja – Variação da produção de 2019/2020 em relação a safra 2018/2019 (estimativa abril/ 2020)

Cultura	Produção esperada (t)	Variação da produção em relação à 2018/19 (%)
Soja	2,31 milhões	-1,92

Fonte: Epagri/Cepa. 2020.

A produção total esperada é de 2,31 milhões de toneladas, 1,92% inferior à safra anterior (Tabela 1), com perdas estimadas de 132 mil toneladas (abril/2020). Em valores, as perdas são estimadas em R\$199 milhões até o momento. Os bons preços registrados desde início do ano compensam a participação da soja no valor bruto da produção estadual.

Tabela 2. Soja – Estimativas de perdas em relação a estimativa inicial da safra 2019/20 (abr./2020)

Cultura	Produção estimada (t)	Perdas na produção (t)	Valor estimado de perdas (R\$ mil)
Soja	2.308.916,33	132.940	199.213,21

Fonte: Epagri/Cepa. 2020.

Brasil

A Conab⁶ reduziu em dois milhões a produção brasileira, apresentada no relatório de maio em 120,3 milhões de toneladas. Comparativamente ao levantamento anterior, houve perda de 1,4%, influenciada, sobretudo, pelas condições climáticas desfavoráveis no Rio Grande do Sul.

Produção mundial

O USDA apresenta a estimativa em seu último relatório⁷ que, a produção global de soja em 2020/21 suba para 362,8 milhões de toneladas, 8% acima da safra 2019/20 e 2,5 milhões de toneladas acima do recorde 2018/19. Dois fatores estão impulsionando este aumento: recuperação dos plantios e produtividade nos Estados Unidos e previsão de área recorde no Brasil. Combinados, prevê-se que o Brasil e os Estados Unidos representem cerca de dois terços das produção e mais de três quartos do crescimento global da produção de soja.

⁶ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20 n.8 - Oitavo levantamento, maio 2020.

⁷ United States Department of Agriculture Foreign Agricultural Service Oilseeds: World Market and Trade. May,32020.. IN: <https://www.fas.usda.gov/>.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do trigo continuaram com movimento altista, o que vem ocorrendo desde outubro do ano passado, tendo como fatores fundamentais a alta do dólar, dificuldades na importação e aumento da demanda em função da pandemia do novo coronavírus desde março deste ano. Em abril, os produtores catarinenses receberam, em média, R\$47,70/saca de 60kg, alta de 2,89% em relação ao recebido em março. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores estão recebendo 13,4% a mais. No Paraná, os preços pagos aos produtores tiveram alta de 6,09% no mês, e no Rio Grande do Sul, alta de 3,82%.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – Safra 2019/20 (R\$/saca de 60kg)					
Estado	Abr./20	Mar./20	Variação mensal (%)	Abr./19	Variação anual (%)
Santa Catarina	47,70	46,36	2,89	42,06	13,4
Paraná	57,29	54,00	6,09	46,50	23,2
Rio Grande do Sul	46,79	45,07	3,82	41,67	12,3

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Abril, 2020.

De acordo com o CEPEA/ESALQ, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) relatou que, em função da pandemia do coronavírus o suprimento de grãos básicos têm se tornado um problema global de segurança alimentar, contudo os suprimentos mundiais estão normais, sem riscos de desabastecimento. No Brasil, os reflexos da pandemia do coronavírus atingiram, principalmente, os derivados de trigo, sem, contudo, afetar o abastecimento de farinhas e farelos, apesar da demanda aquecida nesse período, destaque para as farinhas destinadas à produção macarrão, item com alta demanda pelos consumidores finais durante a pandemia. Outro aspecto que merece ser considerado é o aumento no consumo de farelo de trigo, a estiagem que atinge o sul do país reduziu a oferta de forragens, demandando dos pecuaristas suplementação alimentar para manter seus rebanhos, aumentando a procura pelo farelo para alimentação animal.

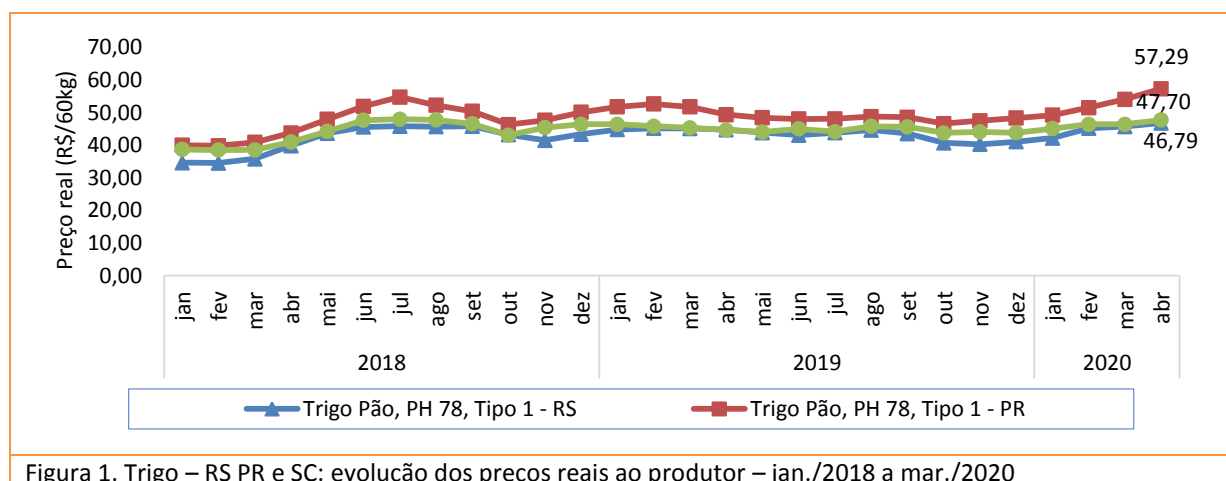


Figura 1. Trigo – RS PR e SC: evolução dos preços reais ao produtor – jan./2018 a mar./2020

Safra

Para a próxima safra catarinense de trigo, que normalmente tem início em junho e se estende até meados de julho, já se percebe movimentação de produtores e cooperativas no sentido de aumento da área plantada, acompanhando a tendência mundial de aumento da demanda pelo cereal. Segundo dados do Conselho Internacional de Grãos (IGC), a produção mundial de trigo deverá crescer, chegando a um recorde de 769 milhões de toneladas na temporada 2020/21, impulsionada por um aumento de 2% na área plantada. Para o Brasil, a Conab estima que deverá haver um aumento da área plantada na ordem de 2,4%, passando de 2,04 para 2,09 milhões de hectares. No Paraná, principal estado produtor do cereal, o Deral/Seab aponta que a próxima safra deverá crescer 5,5%, passando de 1,02 para 1,08 milhão de hectares. Para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, dados da Conab mantém a mesma área cultivada na temporada passada, ou seja, 735,9 e 50,5 mil hectares, respectivamente.

Em relação ao clima, o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) prevê para o próximo trimestre, probabilidade de chuvas acima da faixa normal climatológica para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em relação à temperatura, a previsão indica maior ocorrência de valores próximos à normal climatológica para todo o país, exceto na Região Sul, onde podem predominar temperaturas abaixo do normal, devido à entrada de massas de ar frio (ocorrência de geadas).

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

A safra de alho 2019/20, cuja comercialização está finalizando, trouxe bons resultados aos produtores catarinenses.

Apesar da necessidade de uso da irrigação, que levou ao aumento do custo de produção, as boas condições de mercado permitiram absorver estes custos e ainda um bom retorno aos produtores.

Dessa forma, na cadeia produtiva se avaliam como positivas, além dos resultados satisfatórios obtidos pelos produtores, as salvaguardas de mercado para os próximos anos em relação ao alho proveniente da China, que permitem vislumbrar boas possibilidades de aumento da área plantada e, também, avanços tecnológicos para a cultura em Santa Catarina.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de abril a R\$23,33/kg, fechando o mês com preço de R\$24,23/kg, aumento de 3,86%.

O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$26,55/kg para R\$26,76/kg, aumento de 0,8%, e o alho classe 7 fechou abril a R\$28,90/kg, aumento de 10,35% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de maio, os preços para todas as classes do alho roxo nacional se mantiveram nos mesmos patamares do final do mês de abril.

O alho procedente da Argentina iniciou o mês de abril com preços até 26% menores que o alho nacional, mas ao final do mês os preços foram praticamente iguais ao produto nacional.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, no atacado o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em março a R\$16,00/kg, fechou o mês de abril a R\$18,50/kg, aumento de 15,62%.

O alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de março a R\$20,00/kg, no final de abril foi a R\$21,00/kg, aumento de 5%.

Levantamento da Epagri/Cepa indica que os produtores catarinenses continuam recebendo de R\$8,00/kg a R\$10,50/kg acima da classe, pelo alho toaletado. Isto significa que o alho classe 3 está sendo comercializado entre R\$11,00/kg e R\$13,00/kg, e assim por diante, sendo o alho classe 7 comercializado a R\$17,50/kg.

Produção

A safra catarinense de alho 2019/20 está próxima de ter sua comercialização concluída. Estima-se que ainda tenha cerca de 10% da produção para ser comercializada.

Nas principais regiões produtoras de alho as expectativas se voltam para a nova safra 2020/21, cujo plantio se aproxima. Se por um lado os resultados positivos da safra atual estão motivando os produtores para um bom planejamento da nova safra, por outro há enorme preocupação com as precipitações abaixo da média histórica que ocorrem desde meados do ano passado, inclusive com agravamento nos últimos meses, que

levou algumas regiões do estado a enfrentar um quadro de desabastecimento de água e perdas importantes em lavouras e na produção pecuária.

Nesse sentido, atualmente é uma incógnita o que ocorrerá com o plantio da nova safra, pois as perspectivas de normalização do regime de precipitações são incertas e os reservatórios de água estão muito baixos, podendo limitar a implantação das lavouras.

Até o final de maio a Epagri/Cepa realizará o levantamento da estimativa inicial da nova safra 2020/21, o que irá contribuir para uma avaliação mais precisa da situação.

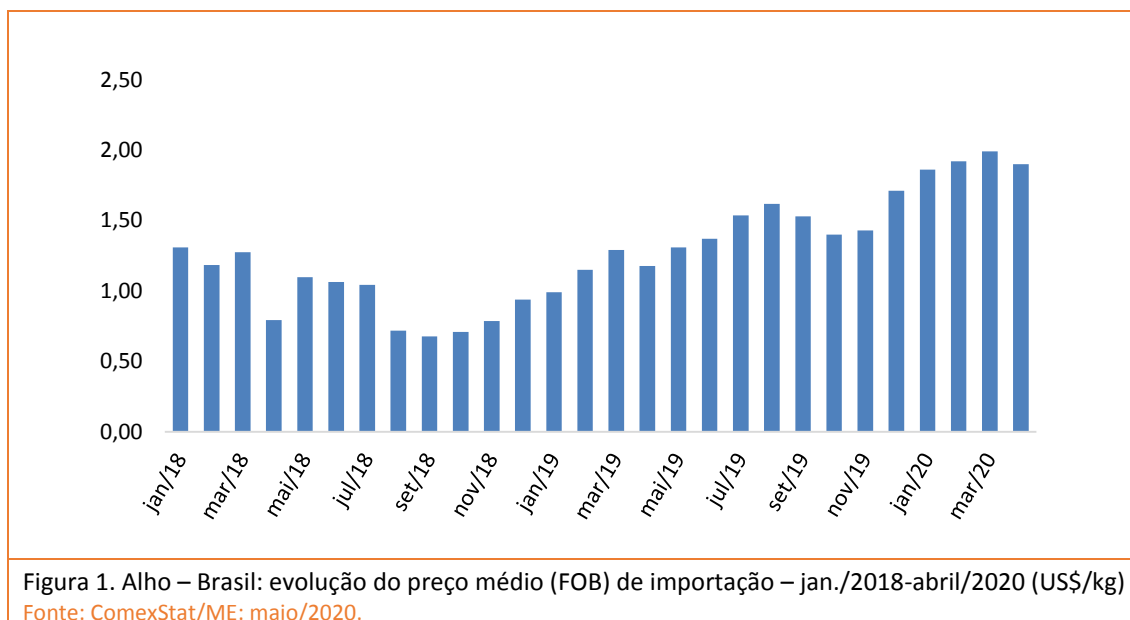
Comércio exterior

Em abril, a Argentina foi a maior fornecedora de alho para o Brasil, situação que ocorre desde novembro de 2019, seguida pela China. Nos quatro primeiros meses deste ano, o Brasil importou 66,43 mil toneladas do produto. No mesmo período do ano passado, o volume importado foi de 63,7 mil toneladas, um crescimento 4,3% no período. (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan. 2017 a abr. 2020 (mil t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	-	-	-	-	-	-	-	-	66,43

Fonte: Comexstat/ME - maio/2020.

O preço médio (FOB) do alho importado teve redução de 4,52% em relação a março, passando de US\$1,99/kg para US\$ 1,90/kg (Figura 1).



Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal, considerando os períodos de julho de 2017 a abril de 2020.

Em janeiro deste ano foi importado o maior volume desde julho de 2017, mas nos meses seguintes houve

redução para patamares dentro das médias históricas para o período. No mês de abril, o volume total importado foi de 14,57 mil toneladas com um desembolso total (FOB) de US\$27,69 milhões (Figura 2).

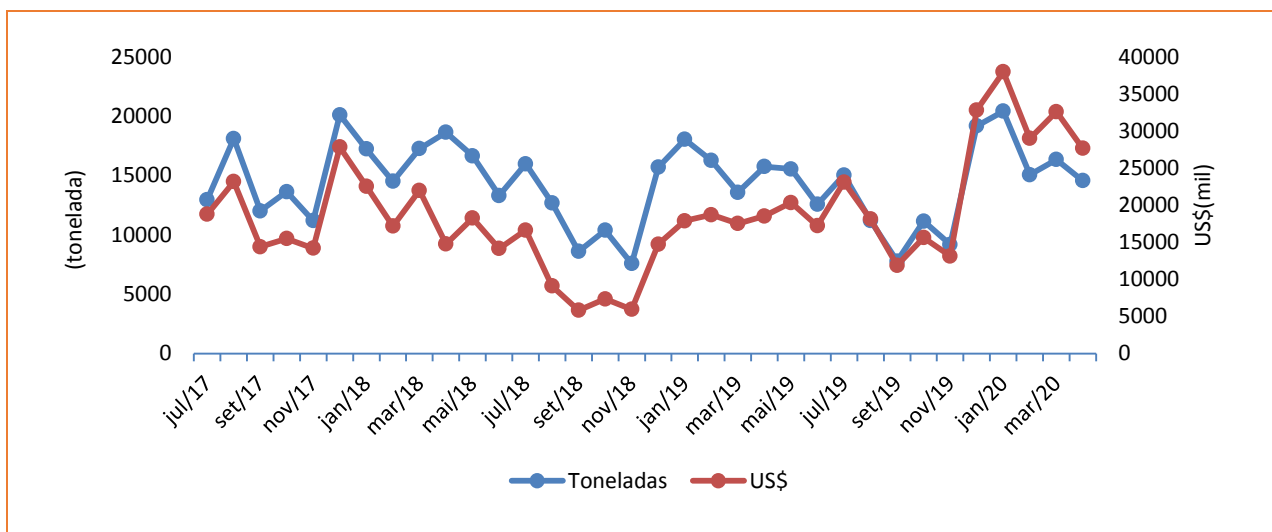


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: jul./2017 a abr./2020

Fonte: ComexStat/ME: maio/2020.

Em abril, o principal fornecedor de alho para o Brasil foi a Argentina, com 8,44 mil toneladas, representando 57,92% do total importado, a China forneceu 5,83 mil toneladas, ou 40,01%, enquanto que Espanha e os demais fornecedores contribuíram com apenas 2,07% do volume (Figura3).

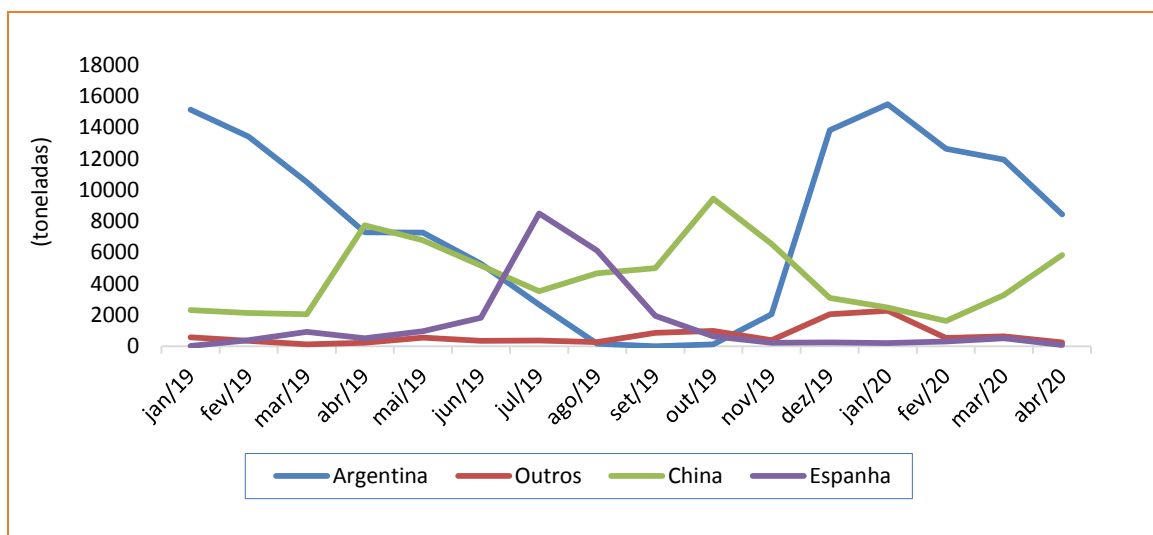


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2019 a abr./2020

Fonte: Comexstat/ME: maio/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

O final da comercialização da safra catarinense de cebola, apesar de alguns problemas conjunturais, foi favorecido por ser praticamente a única região a fornecer a hortaliça ao mercado nacional no mês de abril.

A intensidade das chuvas no Nordeste dificultou a colheita e prejudicou a qualidade da cebola daquela região, garantindo as boas condições de mercado para a produção sulista e a catarinense, em especial. Associado a esta conjuntura, as importações oriundas da Argentina foram em volumes aquém da demanda interna brasileira. A pandemia da Covid-19 no país dificultou a colheita e o acondicionamento do produto para a exportação, devido às restrições ao agrupamento de trabalhadores por questões sanitárias.

Nos próximos meses, o mercado deverá ser abastecido basicamente pela produção de São Paulo, Minas Geras e Nordeste, e pelas importações europeias e argentinas. As cebolas europeias recentemente importadas apresentam problemas de qualidade, pois são cebolas armazenadas da safra passada.

De acordo com dados da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 2019/20 disponibilizou ao mercado um volume líquido de 452.278 toneladas, com a comercialização praticamente finalizada. No Alto Vale do Itajaí, o pequeno volume ainda disponível está sendo comercializado no mercado regional.

Preços e Mercado

Em Santa Catarina, a comercialização da safra 2019/20 iniciou a R\$0,68/kg, baixando para R\$0,60/kg no início de janeiro.

Em fevereiro, os preços melhoraram, alcançando no final do mês R\$0,91/kg. Em março, a recuperação foi mais forte, passando para até R\$1,50/kg na primeira quinzena e fechando o mês com valores de até R\$2,50/kg na região de Ituporanga.

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, os preços pagos aos produtores catarinenses iniciaram o mês de abril a R\$2,00/kg nas principais praças, passaram para R\$3,00/kg no início da segunda quinzena, e fechando o mês em até R\$3,50/kg.

Na Ceagesp/SP, cujo fluxo de comercialização foi afetado pela Covid-19, na primeira semana de abril a cebola foi comercializada a R\$2,77/kg, aumento de 40% em relação ao início de março. O mês de abril encerrou, para a cebola média nacional, com valores de R\$3,97/kg e de R\$4,08/kg para a cebola importada da Argentina. Nos primeiros dias de maio a cebola nacional foi cotada a R\$4,53/kg e a importada da Argentina a R\$4,47/kg.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), no final abril os preços estavam em alta, puxados pela baixa oferta e pela aproximação do final da comercialização da safra catarinense. O preço no início do mês era de R\$2,75/kg, baixando para R\$2,50/kg na primeira semana. Porém, na segunda quinzena voltou a R\$2,75/kg, finalizando o mês a R\$3,50/kg. Na primeira semana de maio era cotada em R\$4,00/kg.

Safra catarinense

Conforme publicado no boletim do mês passado, a Epagri/Cepa fechou os números da safra de cebola 2019/20, indicando que o estado colheu 532 mil toneladas em 18.182 hectares, com uma produtividade média de 29,2 toneladas por hectare. Este montante permitiu uma comercialização líquida de 452,2 mil toneladas, praticamente toda comercializada.

Para a próxima safra, cujo início se aproxima, permanecem algumas questões importantes que afetam a tomada de decisão dos produtores, principalmente ligadas às condições climáticas reinantes no estado. As precipitações abaixo das médias históricas que ocorrem desde meados de 2019, se acentuaram nos últimos meses, provocando uma das maiores estiagens da história recente de Santa Catarina. Esta condição reduziu a disponibilidade de água necessária à irrigação para o início do ciclo da cultura.

Outra questão que deixa muitos produtores com dúvidas está relacionada aos procedimentos de contratação da mão-de-obra para implantação das lavouras em função limites sanitários decorrentes da pandemia Covid19, visto ser necessário um número considerável de trabalhadores ao mesmo tempo no local para execução das tarefas.

Ainda nesse mês, a Epagri/Cepa fará a estimativa inicial para a safra 2020/21 para a cultura em Santa Catarina, sendo possível, com isso, ter mais elementos para avaliar a situação e perspectivas para a nova safra.

Importação

Em abril, foram importadas 48,48 mil toneladas de cebola, provenientes da Argentina, Chile e Holanda (Figura 1), com valor total desembolsado (FOB) de US\$9,38 milhões. O preço médio (FOB) foi de US\$0,19/kg, enquanto em março foi de US\$0,22/kg, uma redução de 15,79%.

O aumento do preço interno nos últimos meses levou a importante incremento nas importações, como pode ser visto na Figura 1, com aumento de 249,78% em relação ao mês de março.

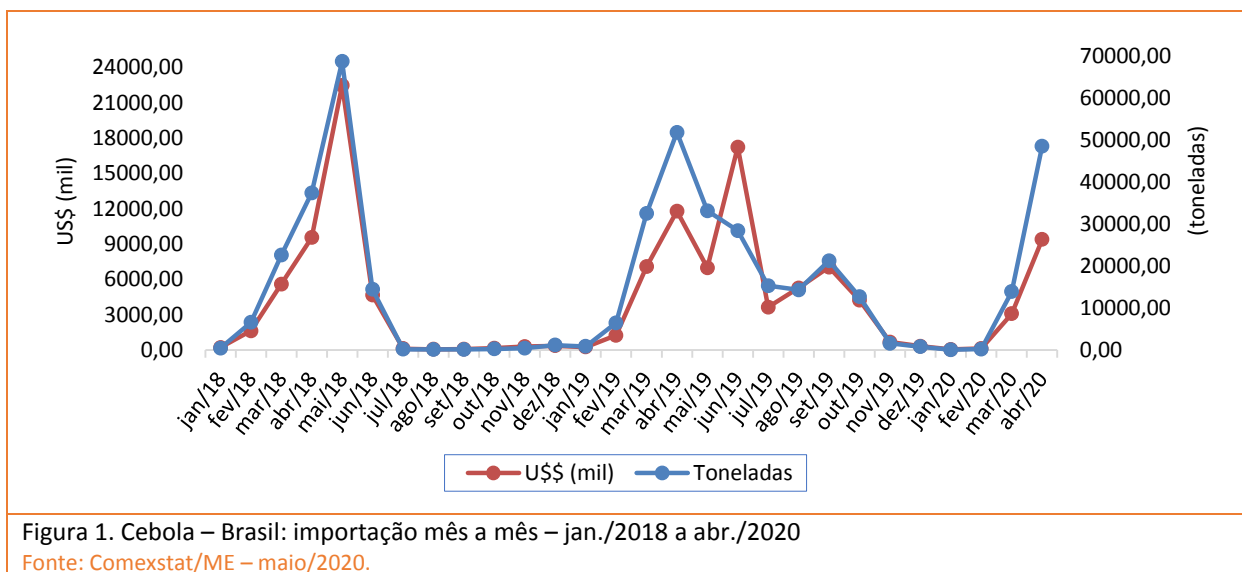


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – jan./2018 a abr./2020

Fonte: Comexstat/ME – maio/2020.

O principal fornecedor de cebola para o Brasil em abril foi a Argentina, com 40,87 mil toneladas, ou 84,30% do total, seguida pelo Chile, com 7,47 mil toneladas, significando 15,40%, e os Países Baixos, com apenas 144 t ou 0,3% (Figura 2).

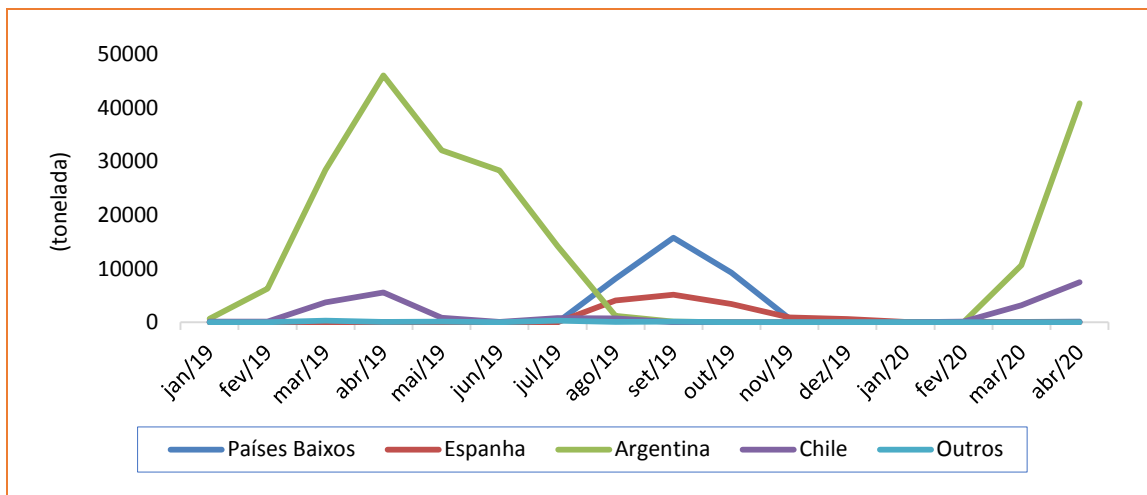


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo os principais países fornecedores – jan./2019-abr./2020

Fonte: Comexstat/ME – maio/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em abril, os preços do frango vivo apresentaram comportamentos bastante distintos em alguns dos principais estados produtores. Em São Paulo, registrou-se queda de 15,4% em relação ao mês anterior, situação decorrente, principalmente, das restrições associadas à contenção da propagação do coronavírus, que resultaram no fechamento ou funcionamento parcial da maioria dos restaurantes, hotéis e lanchonetes, impactando fortemente no consumo, enquanto no Paraná a queda foi de 1,1%. Santa Catarina, por sua vez, registrou alta de 1,5% na média estadual do período.

No corrente mês, o cenário mudou um pouco na maioria dos estados, conforme demonstram os preços das primeiras semanas. Em São Paulo, registra-se alta de 7,9% nos preços preliminares de maio, recuperando parcialmente as perdas registradas no mês anterior. No Paraná, os preços permaneceram estáveis, com oscilação de apenas -0,1%. Já em Santa Catarina, mais uma vez registra-se alta significativa, com variação de 2,7%.

Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em maio de 2019, também se verificam situações distintas nos estados analisados: Paraná e Santa Catarina apresentam altas de 2,8% e 10,9%, respectivamente, enquanto São Paulo registra queda de 27,5%⁸. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,4%, de acordo com o IPCA/IBGE.

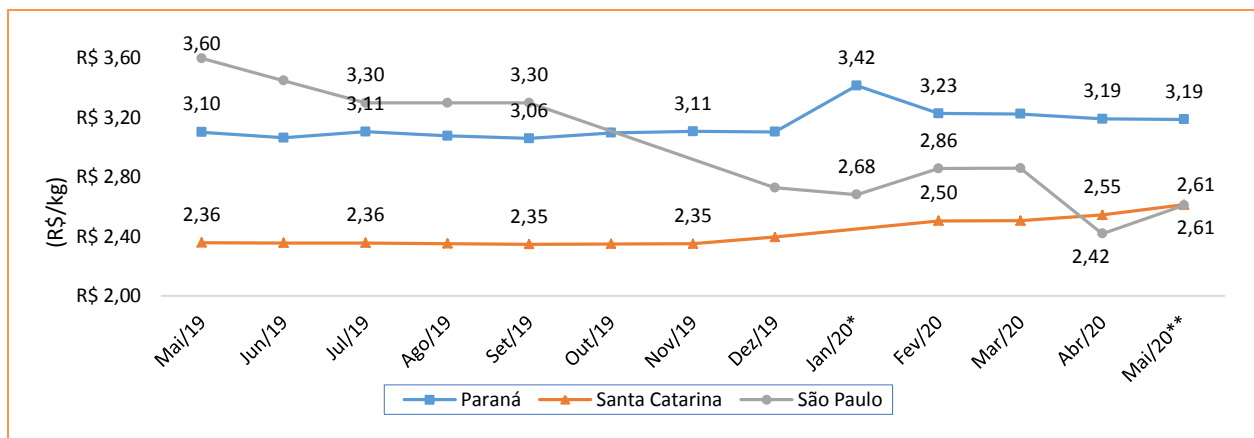


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio nominal mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Nas três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, a média das primeiras semanas de maio apresentou alta em relação a abril em todos os casos: 4,6% em Chapecó, 1,0% em Joaçaba e 2,5% no Sul Catarinense. Na comparação com os preços praticados em maio de 2019, as variações também são positivas em todas as praças: 13,9% em Chapecó, 9,9% em Joaçaba e 8,8% no Sul Catarinense.

⁸ Em fins de 2019, o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo alterou sua metodologia de coleta de dados, o que prejudica a comparação entre os dois períodos naquele estado.

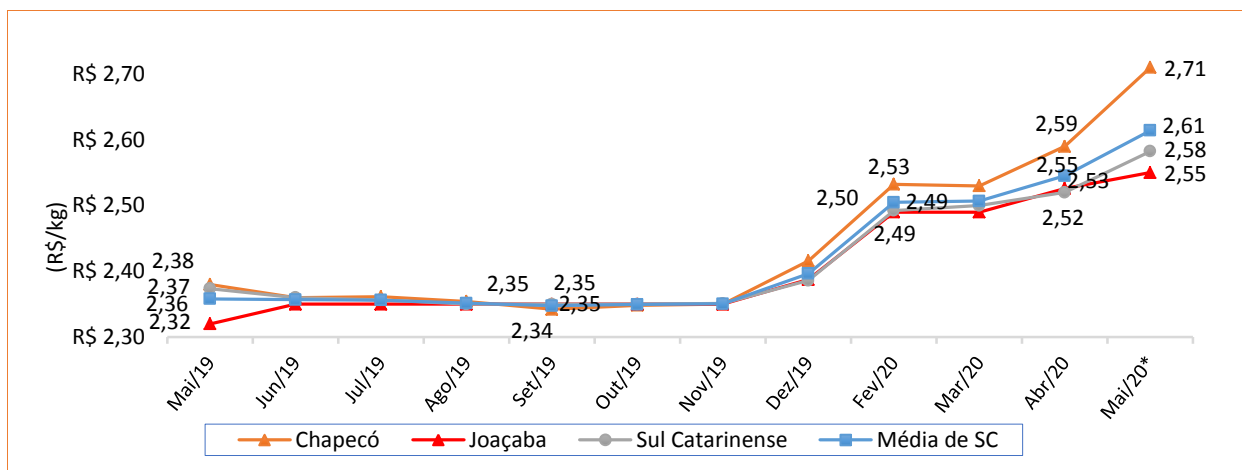


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Após alta de 1,3% em março, em abril os preços da carne de frango no atacado catarinense registraram queda de 2,6%, considerando-se a média dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa. Conforme já comentado no boletim anterior, depois que o governo do estado declarou situação de emergência em decorrência da pandemia de Covid-19 (Decreto nº 515/2020), parte da população buscou estocar alimentos em casa, o que gerou um pico pontual de demanda, estimulando a elevação dos preços. Contudo, nas semanas posteriores, além do consumo doméstico estar momentaneamente abastecido, ocorreu o fechamento de restaurantes, hotéis e lanchonetes, ocasionando redução na demanda e queda nos preços.

Conforme indicam os preços da primeira semana de maio, esse movimento ainda se faz presente, tendo sido, inclusive, intensificado no corrente mês. Todos os quatro cortes acompanhados apresentaram variação negativa nos preços preliminares de maio em relação a abril: peito com osso congelado (-8,8%), coxa/sobrecoxa congelada (-8,5%), filé de peito congelado (-4,0%) e frango inteiro congelado (-2,2%). A variação média dos quatro cortes foi de -5,9%.

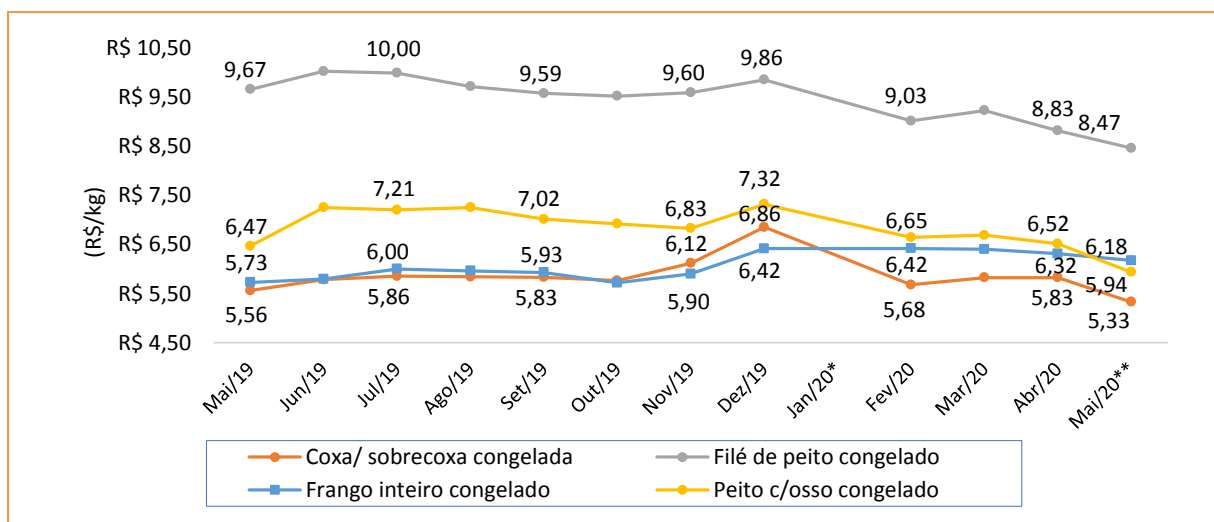


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de maio e o mesmo mês de 2019, verificam-se situações distintas entre os diversos cortes, mas com predominância de variações negativas: filé de peito (-12,4%), peito com osso (-8,2%) e coxa/sobrecoxa (-4,1%). Somente o frango inteiro apresentou variação positiva no período: 7,8%. Na média dos quatro cortes, a variação foi de -4,2%. Esse é o primeiro resultado negativo (na comparação com o mesmo mês do ano anterior) desde maio de 2018.

No setor de carnes, há expectativas de que, em função da crise econômica que deverá suceder a pandemia de coronavírus, muitos consumidores substituam proteínas de maior valor por opções mais baratas, como é o caso da carne de frango. Contudo, a perspectiva de recessão acentuada, possivelmente em níveis inéditos no país, deve, por outro lado, ocasionar uma redução no consumo total de carnes, o que prejudicaria todas as cadeias.

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), os efeitos da pandemia podem provocar uma redução de 3% a 5% na produção brasileira de carne de frango. Segundo a entidade, algumas empresas já estão diminuindo seus plantéis de matrizes e reduzindo os alojamentos de aves, o que deve afetar os níveis de produção de carne dentro de algumas semanas. Vale mencionar que no final do ano passado, a ABPA projetava crescimento de 4% a 5% na produção brasileira de carne de frango em 2020.

Custos

Em abril, registrou-se a primeira variação negativa na relação de equivalência insumo-produto⁹ desde setembro de 2019, resultante do aumento no preço do frango vivo (2,4%) e da queda do valor do milho no atacado (-3,6%), ambos na praça de Chapecó. Os dados preliminares de maio indicam a continuidade desse movimento de queda, apesar de uma pequena alta no preço do milho (0,6%). Na data de finalização do presente artigo, registrava-se variação de -3,8%, principalmente em função da alta na cotação do frango vivo (4,6%). O valor atual da relação de equivalência está 17,1% acima daquele registrado em maio de 2019.

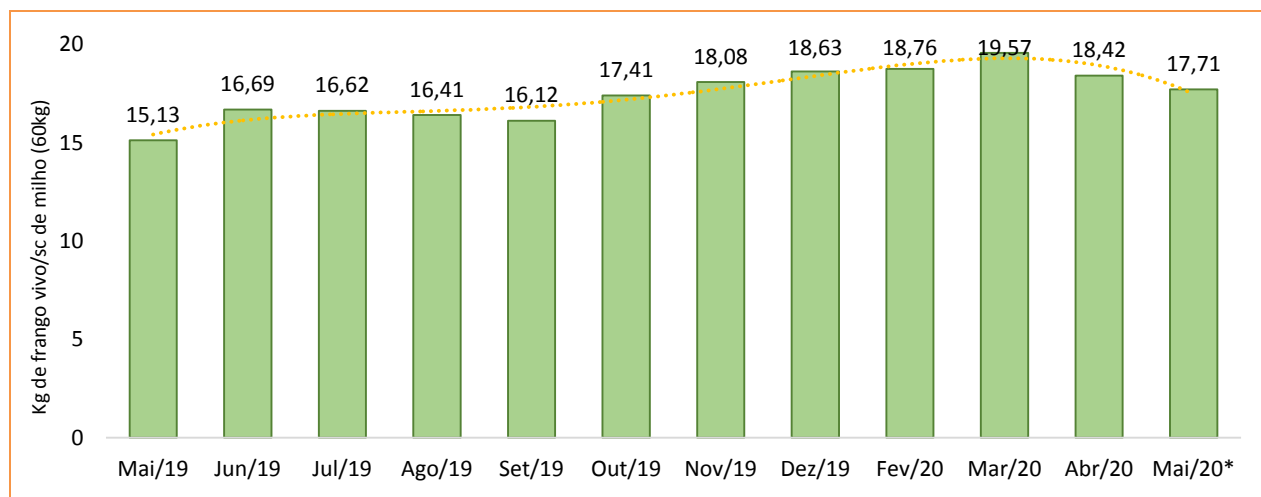


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

⁹ A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60 kg de milho.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **333,53 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **2,9% inferior** ao mês anterior e **5,8% abaixo** de abril de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$506,44 milhões**, queda de **7,2%** em relação ao mês anterior e de **14,5%** na comparação com abril de 2019.

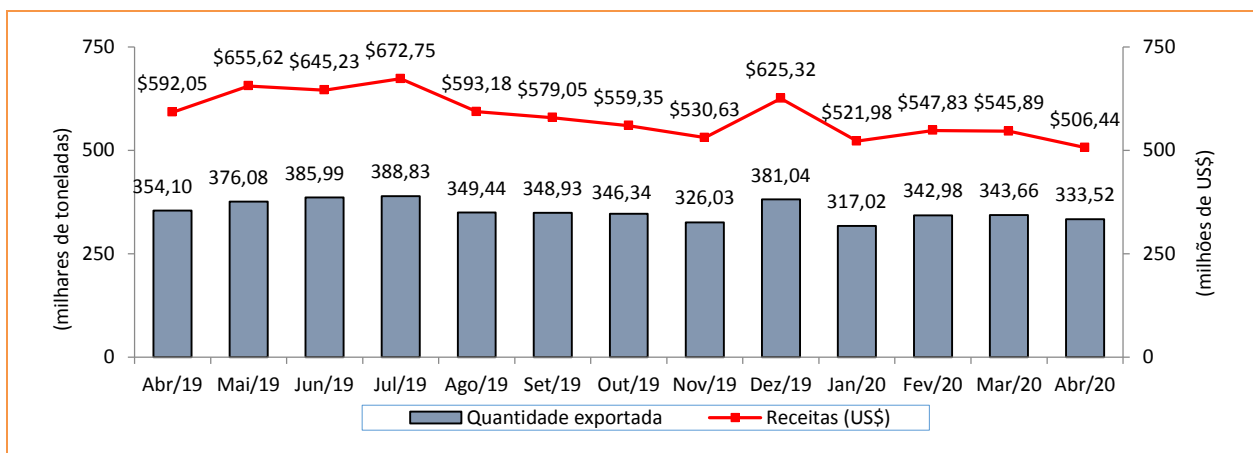


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No primeiro quadrimestre deste ano, o Brasil exportou **1,34 milhão de toneladas** de carne de frango, com **US\$2,12 bilhões** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, registra-se alta de **0,5%** nas receitas e **5,1%** na quantidade.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango deste ano são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Holanda, responsáveis por 56,0% das receitas do período.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de maio (5 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou alta significativa em relação ao mesmo mês de 2019: 36,4% em valor e 70,6% em quantidade.

Santa Catarina exportou **75,14 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em abril, queda de **12,3%** em relação ao mês anterior e de **45,2%** na comparação com abril de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$122,16 milhões**, queda de **14,7%** em relação a março e de **48,8%** na comparação com abril de 2019.

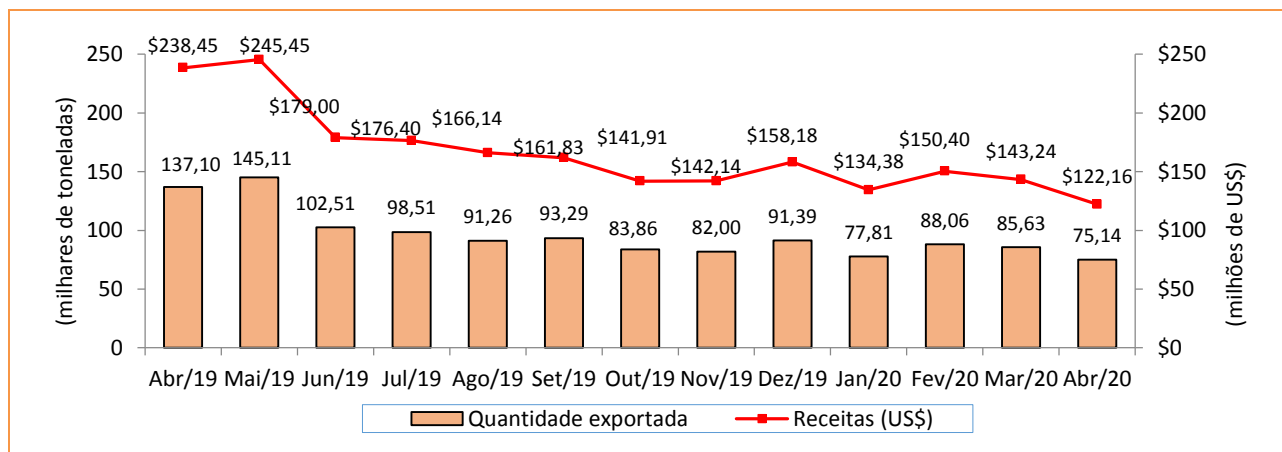


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada em abril por Santa Catarina foi de **US\$1.556,23/tonelada, 7,8% abaixo** da média registrada no mesmo mês de 2019 e **queda de 3,2%** em relação a março deste ano.

No primeiro quadrimestre de 2020, Santa Catarina exportou **326,65 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$550,19 milhões, -32,3%** em quantidade e **-34,2%** em valor em comparação ao mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **25,9%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano, participação inferior à média do ano passado (31,7%).

A Tabela 1 apresenta os principais destinos da carne de frango catarinense neste ano, os quais responderam por 58,7% do valor e 53,5% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	94.568.622,00	50.920
China	83.221.516,00	42.292
Países Baixos (Holanda)	46.122.275,00	23.372
Emirados Árabes Unidos	43.956.263,00	25.523
Arábia Saudita	41.754.698,00	25.665
Demais países	240.563.824,00	158.874
Total	550.187.198,00	326.646

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos do frango catarinense, todos apresentaram variação negativa na comparação entre os meses abril deste ano e de 2019, com destaque para Japão (-45,1% em valor e -39,1% em quantidade), China (-2,7% e -8,5%), Holanda (-28,7% e -22,8%) e Emirados Árabes Unidos (-56,7% e -51,1%).

Quando se leva em consideração o acumulado no 1º quadrimestre, o cenário também é negativo. Dos dez principais destinos, somente a China registrou elevação do valor importado (5,2%) na comparação entre 2019 e 2020, mas com queda na quantidade (-2,8%). Dentre os demais, destaca-se a significativa queda nos embarques para o Japão (-28,7% em valor e -26,9% em quantidade).

Segundo relatos de representantes de algumas empresas, com o adiamento das Olimpíadas de Tokyo, que ocorreriam em meados de 2020, registraram-se vários cancelamentos de encomendas, o que pode ter contribuído para a queda nos embarques para o Japão. No caso dos países árabes, em especial a Arábia Saudita, as quedas nos embarques têm relação com as restrições em relação ao Ramadã (24 de abril a 23 de maio) e a peregrinação à Meca.

O índice global de preços de carnes da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) apresentou queda de 2,7% em abril, na comparação com março, e de 1,2% em relação a abril do ano passado. Segundo a FAO, essa queda foi ocasionada pela redução nas importações do produto em âmbito mundial diante das dificuldades de logística e diminuição na demanda, ambas relacionadas à pandemia do novo coronavírus.

Coronavírus

Conforme relatado no decorrer deste artigo, um dos efeitos da pandemia de coronavírus foi a redução na demanda de carnes, seja em função do fechamento ou funcionamento parcial de bares, restaurantes e hotéis em diversos estados, ou pelas dificuldades econômicas enfrentadas por parcela significativa da população.

No que diz respeito aos frigoríficos, até o início de maio havia relatos de diversas unidades em que se detectou trabalhadores contaminados com o coronavírus, em especial no Rio Grande do Sul. Naquele estado, algumas unidades chegaram a ser interditadas pelos órgãos de vigilância da saúde, como é o caso de um abatedouro de aves localizado em Passo Fundo. Em outras, o afastamento de funcionários contaminados, com suspeita de contaminação ou pertencentes a algum grupo de risco, ocasionou redução no ritmo de abate.

Até a data de finalização deste boletim, os principais abatedouros de aves e suínos de Santa Catarina continuavam funcionando normalmente, não havendo registro de unidades fechadas por questões relacionadas ao coronavírus.

Por outro lado, nos Estados Unidos, um dos países mais afetados pela pandemia de coronavírus, diversos frigoríficos suspenderam temporariamente suas atividades nas últimas semanas, em decorrência do aumento de casos de Covid-19 dentre os funcionários. Essa situação pode aumentar as oportunidades de acesso a novos mercados por parte dos exportadores brasileiros, já que uma das preocupações centrais das empresas estadunidenses, no momento, é o abastecimento do mercado interno.

De acordo com relatório recentemente divulgado pelo USDA, a produção estadunidense de carne de frango deve apresentar queda de 0,2% em 2020 (a projeção anterior era de crescimento de 2,9%).

Segundo balanço da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), os efeitos da pandemia na oferta mundial de produtos cárneos ainda são de difícil quantificação. Como a cadeia de processamento animal é intensiva em mão de obra, medidas de distanciamento social e quarentena nos países produtores devem ocasionar redução de oferta, a exemplo do que já vem sendo observado nos Estados Unidos.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em abril, observaram-se baixas nos preços do boi gordo na maioria dos principais estados produtores, com índices que variaram de -1,3% a -4,4%, movimento decorrente da queda no consumo de carne bovina associada às medidas de contenção da propagação do coronavírus. No corrente mês, novamente observa-se predominância das variações negativas. Dos oito estados analisados, sete registraram quedas na comparação entre os preços preliminares de maio e as médias de abril: -1,1% em Goiás, -1,1% no Rio Grande do Sul, -1,0% em São Paulo, -1,0% no Mato Grosso, -0,8% no Mato Grosso do Sul, -0,5% em Santa Catarina e -0,3% em Minas Gerais. No Rio Grande do Sul, o preço ficou estável, com variação de apenas -0,02%.

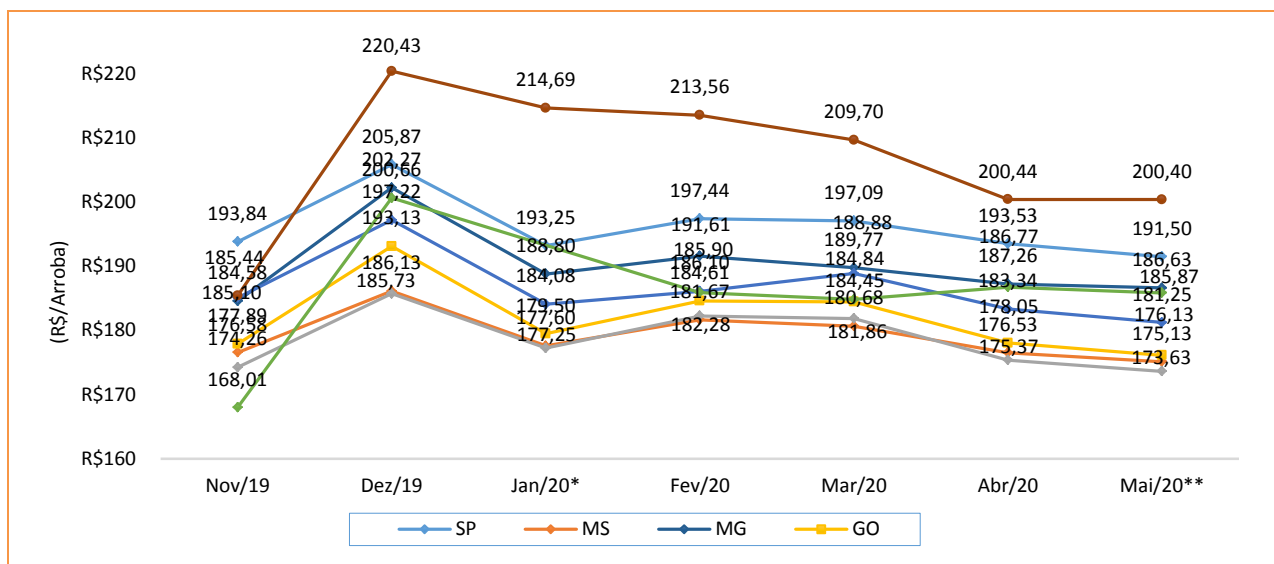


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Existe perspectiva de que a oferta de animais aumente ao longo deste mês, principalmente em função do clima frio e seco, que prejudica as pastagens e reduz a capacidade de retenção dos pecuaristas. Com isso, é possível que se observem novas quedas nos preços ao longo das próximas semanas.

Não obstante as quedas verificadas nas últimas semanas, as cotações atuais encontram-se significativamente acima dos valores registrados em maio de 2019 em todos os estados analisados: 26,5% em Goiás, 26,4% em Minas Gerais, 24,1% em São Paulo, 23,5% no Mato Grosso, 23,3% no Mato Grosso do Sul, 20,6% em Santa Catarina, 20,5% no Paraná e 18,5% no Rio Grande do Sul. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,4%, segundo o IPCA/IBGE.

Em Santa Catarina, as duas praças de referência para o preço do boi gordo apresentaram movimentos distintos nas primeiras semanas deste mês. Em Lages, a média preliminar de maio está 1,2% abaixo do preço médio do mês anterior, enquanto Chapecó registra alta de 1,4% no mesmo período.

Quando se compara a média das primeiras semanas de maio com o mesmo mês de 2019, as variações são expressivas em ambos os casos: 20,3% em Chapecó e 12,0% em Lages.

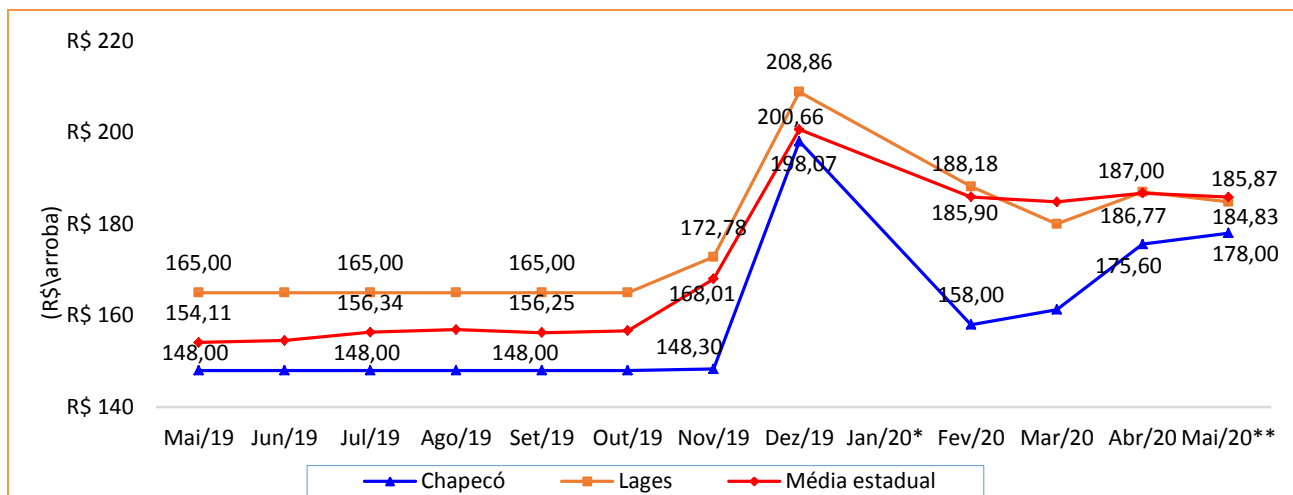


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

O mercado atacadista de Santa Catarina apresenta movimentos diversos, mas pouco acentuados, nos últimos meses. Quando se considera a média dos dois tipos de cortes (dianteiro e traseiro), verifica-se que em março não houve variação, enquanto abril registrou queda de 2,4%. Os preços da primeira semana de maio, por sua vez, indicam alta nos dois tipos de corte, quando comparados aos preços do mês anterior: 0,9% na carne bovina de dianteiro e 4,7% na carne bovina de traseiro. Na média, a variação é de 2,8%.

É importante destacar que, em abril, a maioria dos restaurantes e lanchonetes encontravam-se fechados ou operando com restrições, o que certamente tem relação com a queda verificada naquele mês. A partir do final de abril, diversos setores da economia catarinense foram autorizados a voltar a funcionar, dentre eles os restaurantes, o que pode ter contribuído para a variação positiva de maio.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em maio de 2019, registram-se altas significativas em ambos os casos: 45,6% na carne de dianteiro e 23,2% na carne de traseiro.

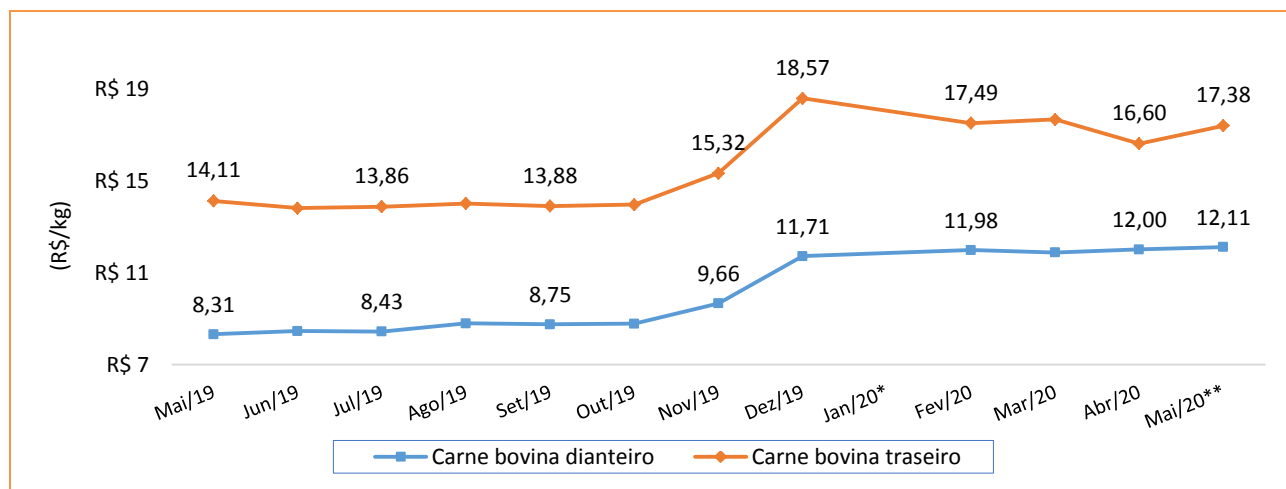


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Segundo relatório divulgado pelo Rabobank no final de abril, ocorreu uma queda acentuada no consumo nacional de carne bovina, seja em decorrência direta das medidas para contenção do coronavírus ou em função da crise econômica. Embora alguns estados, como é o caso de Santa Catarina, tenham flexibilizado as medidas de contenção, permitindo o funcionamento de restaurantes, hotéis e lanchonetes, importantes centros consumidores, em especial São Paulo, seguem adotando restrições severas de isolamento social, afetando a demanda nacional.

Ainda segundo o banco, em março registrou-se queda de 50% no abate de bovinos no país. Diversos frigoríficos anunciaram suspensão temporária das atividades naquele mês em função da queda na demanda, principalmente no Mato Grosso. Nesse cenário, as exportações ganham ainda mais relevância como mecanismo de “enxugamento” do mercado.

Segundo relato de algumas empresas, além da redução na demanda, tem prevalecido a procura por cortes mais baratos, o que é uma tendência comum em períodos de crises econômicas.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentam tendência de alta desde setembro de 2019. Contudo, em abril e maio os preços mantiveram-se relativamente estáveis, com pequenas variações, distintas para as duas categorias. Em abril, os preços dos bezerros para corte de até 1 ano apresentaram alta de 0,7%, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos registraram pequena queda de 0,4%. Na primeira semana de maio, a situação foi semelhante: o preço médio preliminar dos bezerros subiu 0,1% na comparação com o mês anterior, enquanto os novilhos apresentaram queda de 1,3%. Essa condição deve-se, em parte, às incertezas causadas no setor pela pandemia do Covid-19, que tem provocado quedas nos preços da carne bovina e do boi gordo na maioria dos estados, desestimulando os produtores a investirem de forma mais efetiva na ampliação do rebanho. Outro fator que contribui para esse cenário é a estiagem que atinge grande parte do território catarinense, deteriorando a qualidade das pastagens e prejudicando a rentabilidade dos produtores de engorda, bem como o padrão de venda dos animais de reposição.

Na comparação com maio de 2019, as variações são positivas em ambos os casos: 25,7% para os bezerros e 16,9% para os novilhos.

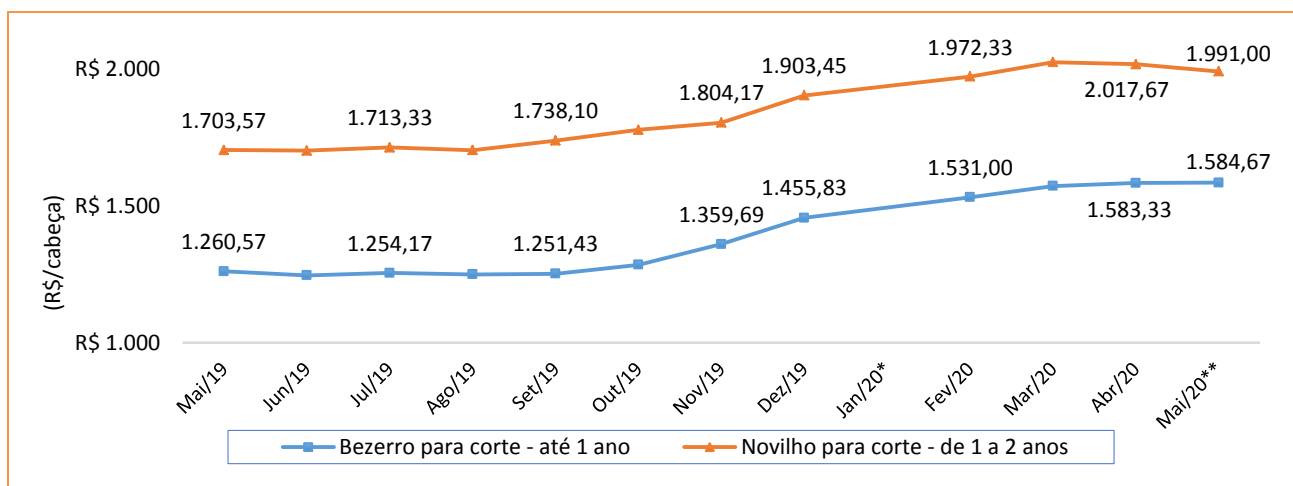


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **135,22 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), **queda de 8,0%** em relação ao mês anterior e de **1,3%** na comparação com abril de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$576,29 milhões**, **queda de 9,6%** na comparação com o mês anterior, mas alta de **11,8%** em relação a abril de 2019.

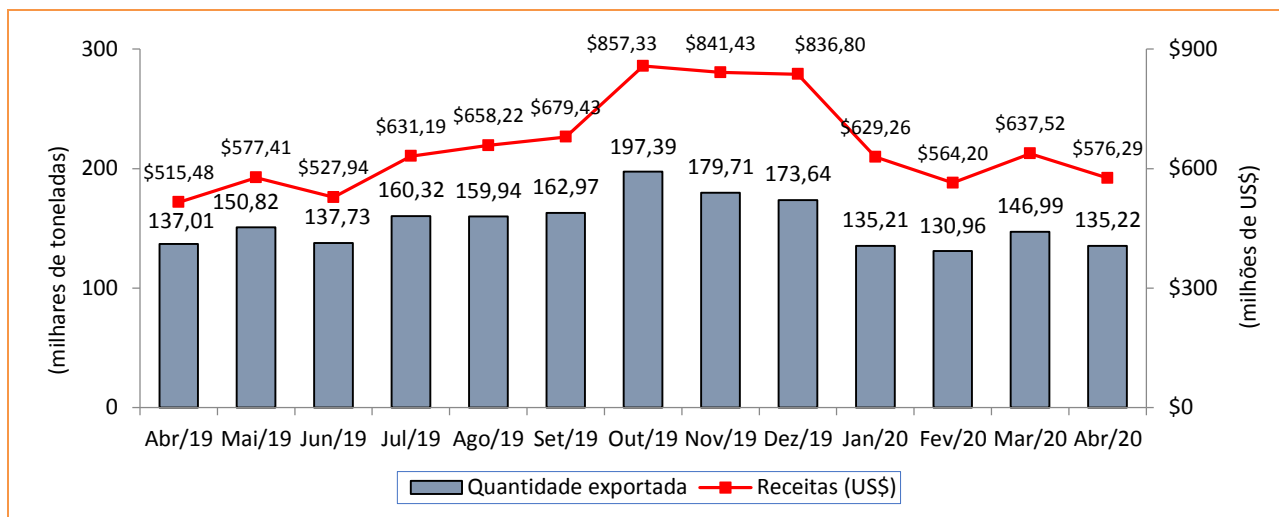


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira no mês passado foram China, Hong Kong, Egito, Estados Unidos e Rússia, responsáveis por 72,8% das receitas e 70,5% do volume embarcado.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em março foi de **US\$4.377,87/tonelada**, alta de **15,8%** na comparação com o mesmo mês de 2019. No entanto, em relação a março deste ano, registrou-se **queda de 0,7%**.

No primeiro quadrimestre de 2020, o Brasil exportou **548,37 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$2,41 bilhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, esses montantes representam altas de **1,2%** e **19,2%**, respectivamente. China e Hong Kong responderam por 57,0% das receitas brasileiras com exportações desse produto neste ano.

Em relação ao primeiro quadrimestre de 2019, a China ampliou em 138,0% o valor e 111,8% a quantidade de carne bovina importada do Brasil. Esses resultados ganham ainda mais relevância num cenário em que vários países devem reduzir suas importações de carne bovina nos próximos meses, em razão dos drásticos efeitos da Covid-19.

Quando se comparam os embarques de abril com o mês anterior, por exemplo, verificam-se quedas em importantes destinos, como é o caso de Estados Unidos (-42,1% em valor e -30,8% em quantidade), Rússia (-32,6% e -32,8%), Chile (-57,4% e -54,6%) e Itália (-15,1% e -12,6%). Dentre as variações positivas, destacam-se a China (15,8% em valor e 17,2% em quantidade) e Egito (17,5% e 14,0%). Vale mencionar que, no princípio de abril, o Egito habilitou 15 novas plantas frigoríficas brasileiras para exportarem carne bovina para aquele país.

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de maio (5 dias úteis) observou-se aumento expressivo na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mesmo mês de 2019: 114,5% em termos de valor e 89,3% em quantidade.

Em abril, Santa Catarina exportou **211 toneladas** de carne bovina, queda de 5,4% em relação ao mês anterior, mas alta de 29,9% na comparação com abril de 2019. O faturamento foi de **US\$645 mil**, 4,4% inferior a março e 36,4% acima do valor de abril do ano passado.

No primeiro quadrimestre, Santa Catarina exportou **1,11 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$3,32 milhões** em receitas, quedas de 19,5% e 15,7%, respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong foi o principal destino da carne bovina exportada pelo estado este ano, respondendo por 63% das receitas.

Apesar da retração da economia chinesa e da redução do superávit na balança comercial daquele país no 1º trimestre de 2020, a Administração-Geral de Aduanas da China (GACC) informou que, entre janeiro e março, o país importou 513 mil toneladas de carne bovina, acréscimo de 65% em relação ao mesmo período do ano anterior.

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a China deve continuar com importação expressiva de carnes bovina e suína até o fim deste ano. No caso da carne bovina, o órgão prevê ampliação de 15% nas aquisições chinesas, conforme relatório divulgado no final de abril. Esse aumento deve-se, principalmente, à perspectiva de elevação no consumo interno de carne bovina e à queda na produção de carne suína, em decorrência da peste suína africana.

O índice global de preços de carnes da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) apresentou queda de 2,7% em abril, na comparação com março, e de 1,2% em relação a abril do ano passado. Segundo a FAO, essa queda foi ocasionada pela redução nas importações do produto em âmbito mundial diante das dificuldades de logística e diminuição na demanda, ambas relacionadas à pandemia do novo coronavírus.

Coronavírus

Como relatado no decorrer deste artigo, um dos efeitos da pandemia de coronavírus foi a redução na demanda de carnes, seja em função do fechamento de bares, restaurantes e hotéis em diversos estados, ou pelas dificuldades econômicas enfrentadas por parcela significativa da população.

Conforme mencionado anteriormente, ainda em março as principais empresas do setor (JBS, Marfrig e Minerva) anunciaram a concessão de férias coletivas e suspensão temporária das operações em pelo menos 11 unidades, resultando em quedas significativas no volume de abates.

Em âmbito internacional, ao longo do mês de abril e início de maio diversos abatedouros de bovinos nos Estados Unidos tiveram suas atividades temporariamente suspensas, em decorrência da detecção de casos de Covid-19 entre os funcionários, o que gerou inquietações em relação ao abastecimento alimentar da população estadunidense. Algumas dessas unidades já retomaram suas atividades, embora ainda sofram com limitações de funcionamento. Essa situação tem aumentado as oportunidades de acesso a novos mercados por parte dos exportadores brasileiros, já que uma das preocupações centrais das empresas estadunidenses, no momento, é o abastecimento do mercado interno.

De acordo com relatório recentemente divulgado pelo USDA, em abril a produção de carne bovina caiu 30% nos Estados Unidos, em decorrência do fechamento de unidades de abate. Em função dessa situação, o USDA projeta uma queda de 5,1% na produção estadunidense de carne bovina em 2020 (a projeção anterior era de crescimento de 1,1%).

Segundo balanço feito pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), os efeitos da pandemia na oferta mundial de produtos cárneos ainda são de difícil quantificação. Como a cadeia de processamento animal é intensiva em mão de obra, medidas de distanciamento social e quarentena nos países produtores devem ocasionar redução de oferta, a exemplo do que já vem sendo observado nos Estados Unidos.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de quedas drásticas em abril, quando se registraram variações de até -27,3%, nas primeiras semanas de maio os preços do suíno reagiram e voltaram a ser observados movimentos de alta. Na data de finalização do presente artigo (13/maio), dentre os cinco estados analisados, somente Minas Gerais apresentava variação positiva em relação ao mês anterior (Figura 1). Contudo, levando-se em conta os preços diários nesses estados, é clara a tendência de alta em todos eles.

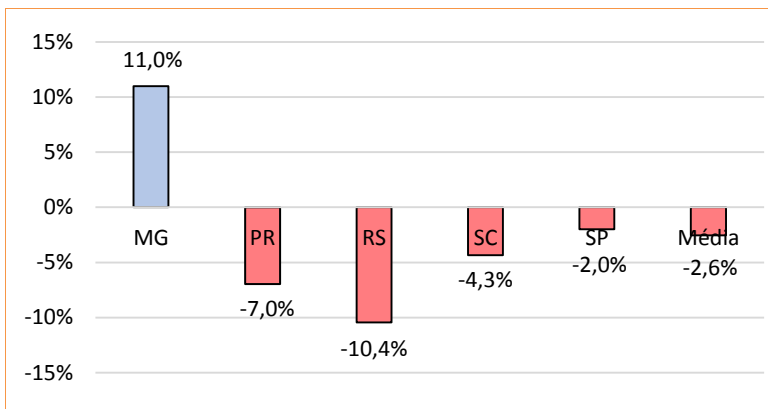


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (abril/maio de 2020*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Conforme mencionado no boletim anterior, as quedas registradas em abril são decorrentes, principalmente, das medidas de controle da pandemia da Covid-19, como o fechamento ou

limitação de funcionamento de restaurantes, hotéis e lanchonetes, que resultaram em redução no consumo. No final de abril e início de maio, alguns estados, como é o caso de Santa Catarina, flexibilizaram as restrições impostas, o que pode ter contribuído para o aumento na demanda e elevação dos preços ao produtor. Além disso, na primeira semana de maio as exportações apresentaram crescimento significativo, como será visto adiante, o que melhora a fluidez do mercado.

Na comparação entre os valores atuais e os preços praticados em maio de 2019, verificam-se variações negativas na maioria dos estados: -8,7% no Rio Grande do Sul, -8,3% no Paraná e -5,5% em São Paulo. Somente Santa Catarina e Minas Gerais apresentam variações positivas no referido período, com 10,6% e 1,8%, respectivamente. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,4%, segundo o IPCA/IBGE.

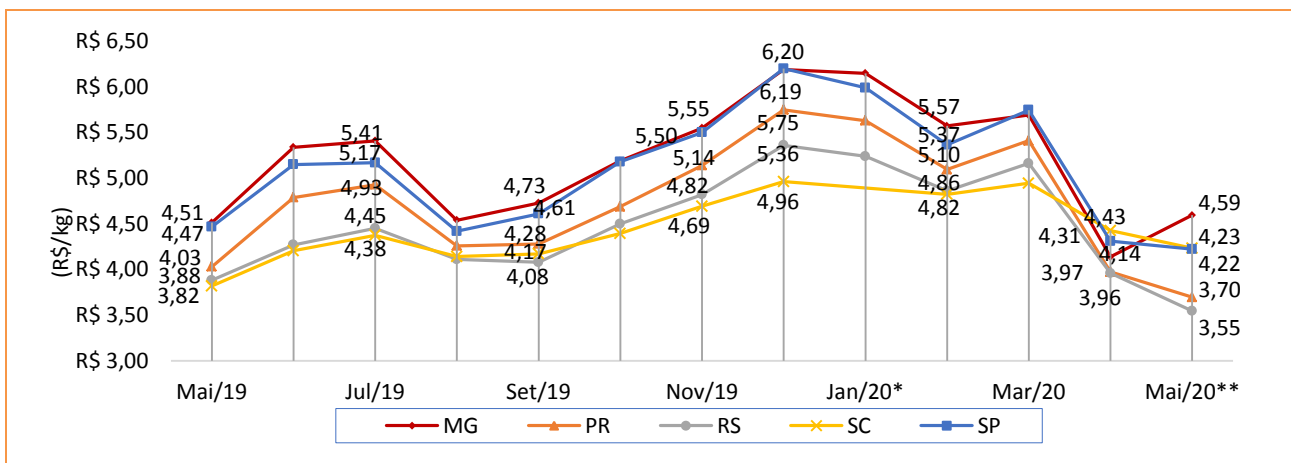


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor nos principais estados (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Embora a média de Santa Catarina apresente queda de apenas 4,3% em relação ao mês anterior, há diferenças bastante significativas entre as várias regiões do estado. A figura 3 apresenta os preços diários pagos aos produtores independentes nas duas principais regiões produtoras do estado (Chapecó e Joaçaba), bem como as médias estaduais para independentes e integrados, no período de 2 de março a 13 de maio¹⁰.

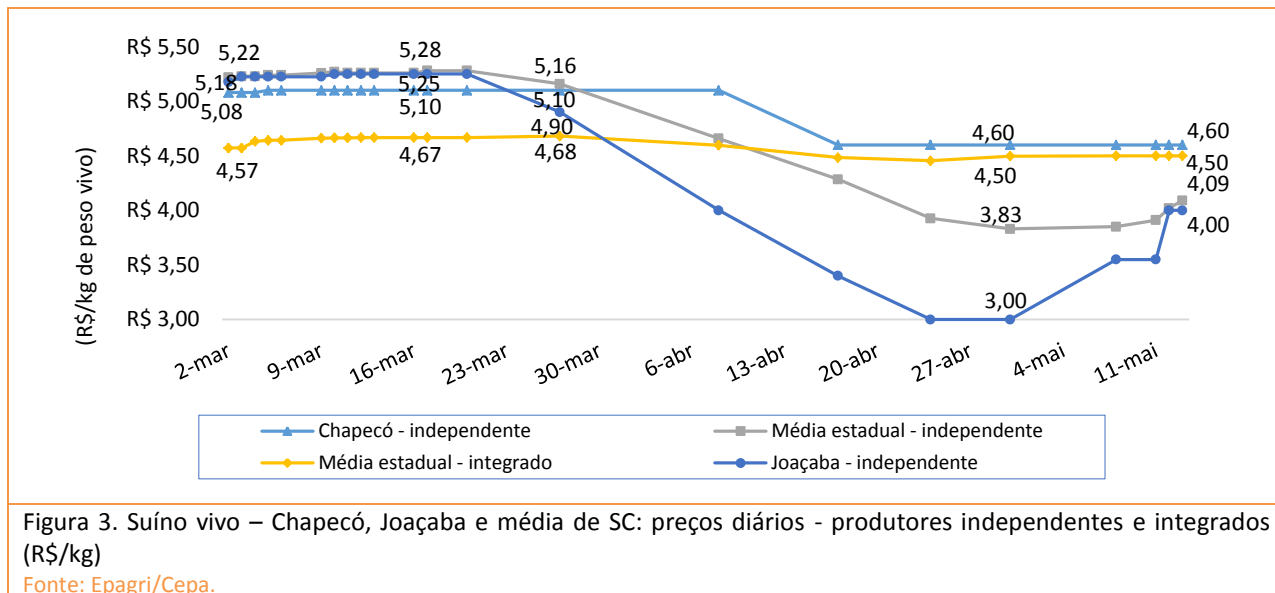


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó, Joaçaba e média de SC: preços diários - produtores independentes e integrados (R\$/kg)

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os preços do dia 17 de março (último levantamento anterior à vigência do decreto de situação de emergência) com os dados mais recentes (13 de maio), verifica-se que as alterações nos preços são bastante distintas. A média estadual do produtor integrado registrou queda de 3,6%, enquanto a do produtor independente caiu 22,5%. Em termos regionais, os produtores independentes de Chapecó tiveram queda de 9,8% no período, enquanto a queda em Joaçaba foi de 23,8%. No caso de Joaçaba, vale mencionar que o preço aos produtores independentes chegou a registrar queda de 42,9% nas duas últimas semanas de abril.

O mercado atacadista de Santa Catarina tem registrado variações significativas ao longo deste ano. Em fevereiro, observou-se queda de 6,7% em relação a dezembro, considerando-se a média dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, refletindo a readequação do mercado, após as significativas altas do último bimestre de 2019. Em março, por outro lado, registrou-se aumento médio de 2,8% no preço de atacado dos cinco cortes monitorados. Essa alta é creditada, principalmente, ao pico de demanda observado em meados de março, por conta da formação de estoques domésticos por parte de muitos consumidores. Contudo, depois dessa elevação pontual, observou-se queda no consumo de carne suína, especialmente em razão do fechamento de bares e restaurantes, que se constituem num importante segmento para esse produto. Em razão disso, os preços médios de abril apresentaram queda de 6,0% em relação a março.

Conforme indicam os preços preliminares da primeira semana, em maio voltou a ser registrada alta nos preços de atacado, com variação de 4,2%, até o momento. Dos cinco cortes, quatro apresentaram variação positiva na comparação com o mês anterior: costela (9,7%), carcaça (8,1%), carré (5,1%) e lombo (4,8%). Somente o preço do pernil apresentou queda (-6,8%).

¹⁰ Desde 18 de março, as coletas de preços diárias foram temporariamente substituídas por coletas semanais, em consonância com as orientações e medidas previstas no Decreto Estadual nº 509/2020, do Governo de Santa Catarina. A partir de 11 de maio, as coletas voltaram a ser diárias.

No final de abril, diversos setores da economia catarinense foram autorizados pelo governo do estado a voltar a funcionar, dentre eles os restaurantes, o que pode ter contribuído para as variações positivas de maio.

Em relação aos preços de maio de 2019, as variações são positivas para todos os cortes: pernil (29,5%), carré (25,5%), costela (19,4%), lombo (8,5%) e carcaça (7,1%). Na média, a variação no período foi de 18,0%.

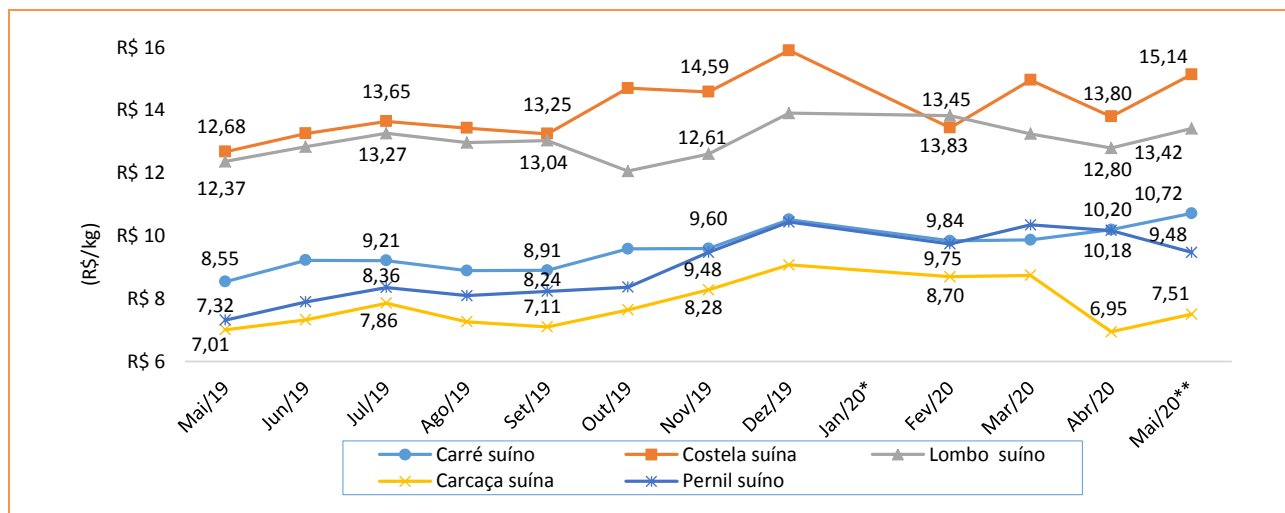


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Em abril, os preços médios mensais dos leitões tiveram sua primeira variação negativa desde maio de 2018: em relação ao mês anterior, os animais de 6 a 10kg caíram 0,9%, enquanto os leitões na faixa dos 22kg tiveram queda de 0,8%. Os preços preliminares de maio, quando comparados a abril, demonstram a continuidade do movimento de queda: -0,6% para os leitões de 6 a 10kg e -0,8% para os leitões na faixa dos 22kg. Na comparação com as médias de maio de 2019, verificam-se variações positivas em ambas as categorias: 22,2% para os leitões de 6 a 10kg e de 20,8% para os leitões de 22kg.

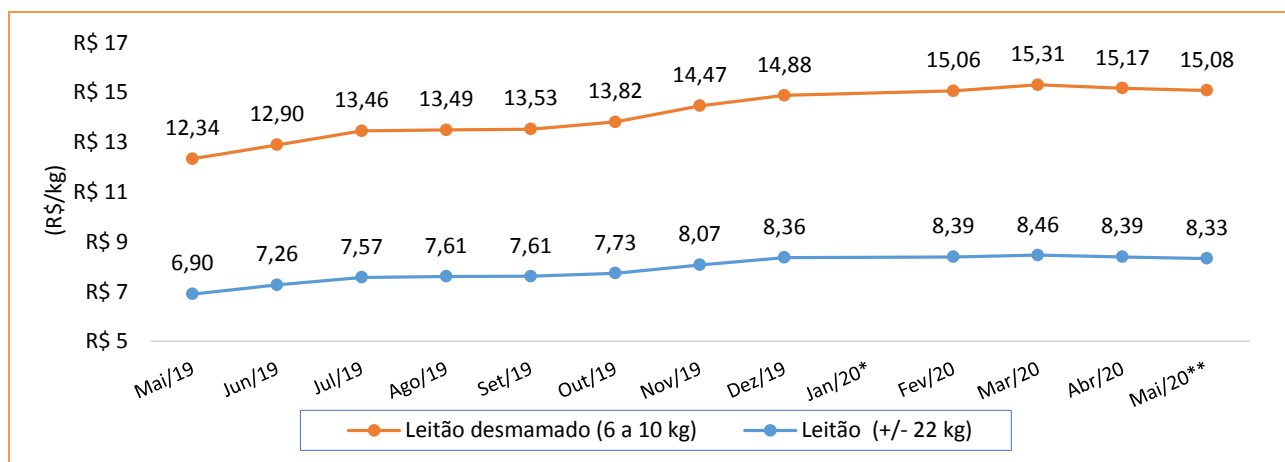


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois de apresentar estabilidade em abril, a relação de equivalência insumo-produto voltou a registrar alta nas primeiras semanas de maio. De acordo com os preços preliminares deste mês, o indicador está 3,6% acima do valor de abril. Esse resultado é decorrente, principalmente, da queda no preço do suíno vivo em Chapecó (-2,9%), associado à pequena alta no preço do milho no atacado, na mesma praça. O valor atual do índice é 8,5% superior àquele registrado em maio de 2019.

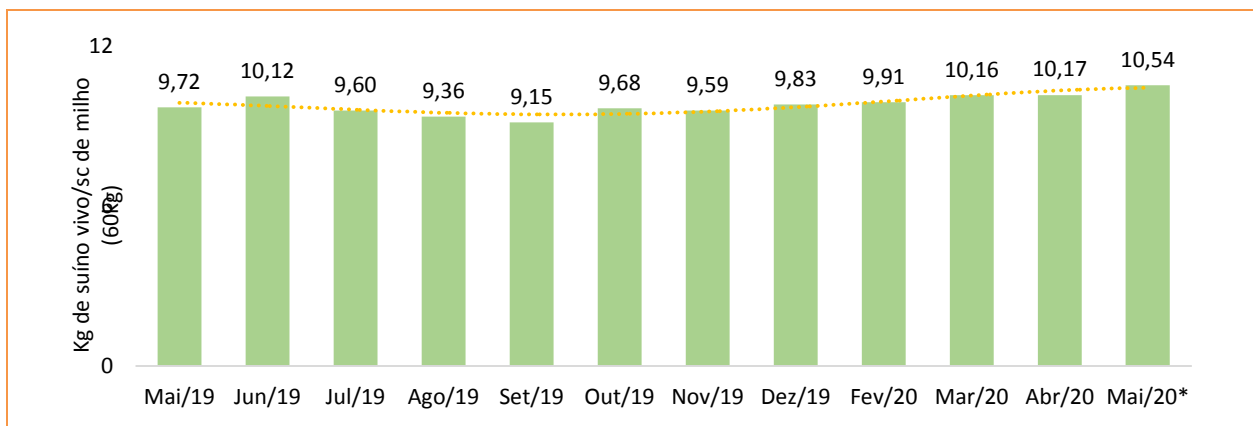


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: Quantidade necessária para adquirir uma saca de milho (60kg)

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 1 a 13/mai./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **71,44 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **0,3%** em relação ao mês anterior e de **18,5%** na comparação com abril de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$163,87 milhões**, queda de **0,7%** em relação ao mês anterior, mas alta de **31,9%** na comparação com abril de 2019.

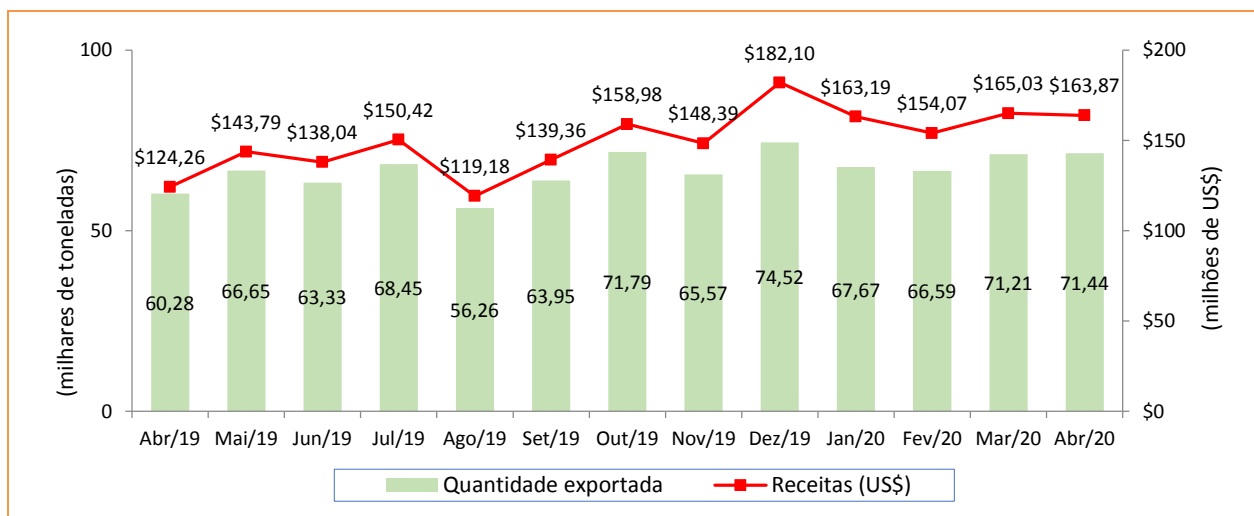


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No primeiro quadrimestre deste ano, o país exportou **276,92 mil toneladas** de carne suína, com **US\$646,16 milhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, esses montantes representam alta de **28,7%** na quantidade e **54,0%** nas receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2020 foram China, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Chile, responsáveis por 83,6% das receitas no período. China e Hong Kong somam 69,6% do total.

Conforme demonstram os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de maio (5 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou altas significativas na comparação com maio de 2019: 129,7% em valor e 121,3% em quantidade.

Santa Catarina exportou **35,40 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em abril, **queda de 6,0%** em relação ao mês anterior, mas **2,5%** acima do volume exportado em abril de 2019. O faturamento de abril, por sua vez, foi de **US\$80,29 milhões**, **queda de 6,1%** em relação ao mês anterior e alta de **18,1%** na comparação com abril de 2019.

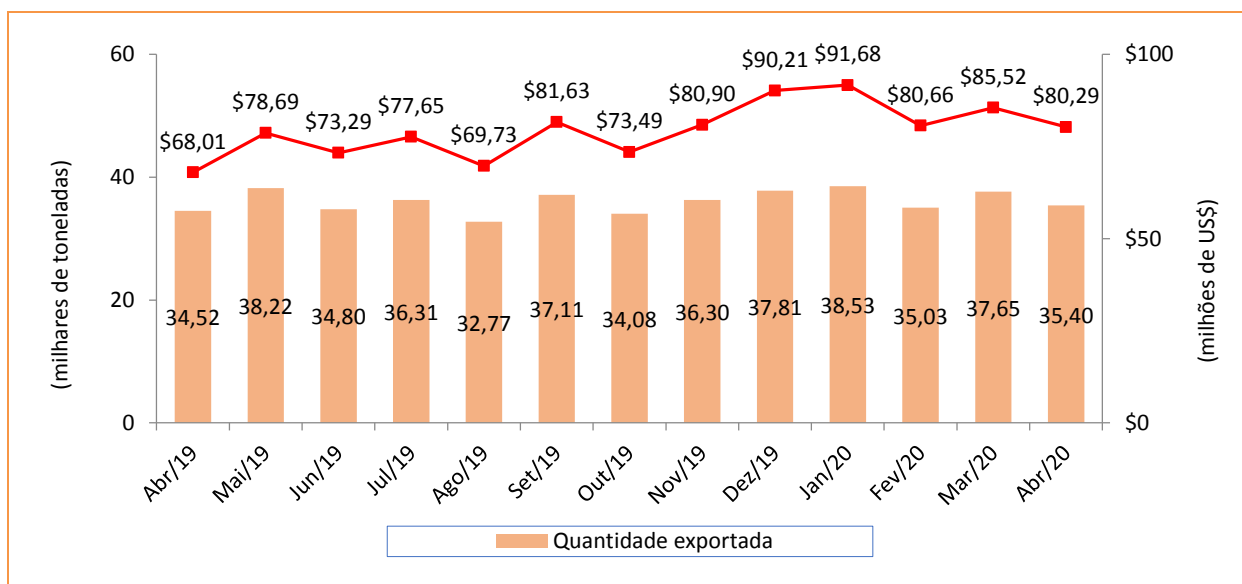


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada em abril por Santa Catarina foi de **US\$2.388,22/tonelada**, alta de **0,5%** em relação a março e de **16,7%** na comparação com abril de 2019.

No primeiro quadrimestre, Santa Catarina exportou **146,60 mil toneladas** de carne suína, com faturamento de **US\$338,15 milhões**, alta de **13,5%** em quantidade e **39,8%** em valor quando comparado ao mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **52,3%** das receitas e **52,9%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 83,6% das receitas e 80,4% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 68,7% do valor e 67,7% do volume.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	196.855.156,00	80.156
Hong Kong	35.552.734,00	19.119
Chile	26.365.695,00	11.215
Japão	14.261.999,00	3.836
Argentina	9.725.974,00	3.592
Demais países	55.387.510,00	28.685
Total	338.149.068,00	146.603

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, quatro apresentaram variações negativas no acumulado deste ano em relação ao mesmo período de 2019, com destaque para Hong Kong (-5,6% em valor e -15,4% em quantidade) e Argentina (-23,8% e -36,5%). Dentre as variações positivas, destacam-se China (127,4% em valor e 87,8% em quantidade), Japão (283,0% e 268,0%) e Coreia do Sul (119,0% e 27,9%).

A gradativa normalização das atividades econômicas na China, após a superação da fase mais crítica da Covid-19 naquele país, gera expectativa de que a demanda chinesa continue crescendo nos próximos meses. Além disso, recentemente a China registrou diversos novos casos de peste suína africana, o que indica que a doença ainda não está sob controle.

Apesar da retração da economia chinesa e da redução do superávit na balança comercial daquele país no 1º trimestre de 2020, a Administração-Geral de Aduanas da China (GACC) informou que, entre janeiro e março, o país importou 951 mil toneladas de carne suína, acréscimo de 170% em relação ao mesmo período do ano anterior.

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a China deve continuar com importação expressiva de carnes bovina e suína até o fim deste ano. No caso da carne suína, o órgão prevê ampliação de 57% nas aquisições chinesas, conforme relatório divulgado no final de abril. Esse aumento deve-se, principalmente, à queda na produção decorrente da peste suína africana. Segundo o USDA, o abate de suínos deve cair entre 20% a 24% em relação ao ano passado, com a produção atingindo 34 milhões de toneladas.

O índice global de preços de carnes da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) apresentou queda de 2,7% em abril, na comparação com março, e de 1,2% em relação a abril do ano passado. Segundo a FAO, essa queda foi ocasionada pela redução nas importações do produto em âmbito mundial diante das dificuldades de logística e diminuição na demanda, ambas relacionadas à pandemia do novo coronavírus.

Coronavírus

Conforme relatado no decorrer deste artigo, um dos efeitos da pandemia do coronavírus foi a redução na demanda de carnes, seja em função do fechamento de bares, restaurantes e hotéis em diversos estados, ou pelas dificuldades econômicas enfrentadas por parcela significativa da população.

No que diz respeito aos frigoríficos, até o início de maio havia relatos de diversas unidades em que se detectou trabalhadores contaminados pelo coronavírus, em especial no Rio Grande do Sul. O afastamento de funcionários contaminados, com suspeita de contaminação ou pertencentes a algum grupo de risco, ocasionou redução no ritmo de abate em algumas unidades.

Até a data de finalização deste boletim, os principais abatedouros de aves e suínos de Santa Catarina continuavam funcionando normalmente, não havendo registro de unidades fechadas por questões relacionadas ao coronavírus.

Em âmbito internacional, ao longo do mês de abril e início de maio, diversos abatedouros de suínos nos Estados Unidos tiveram suas atividades temporariamente suspensas, em decorrência da detecção de casos de Covid-19 entre os funcionários, o que gerou inquietações em relação ao abastecimento alimentar da população estadunidense. Um desses casos foi a Smithfield Foods, maior processadora de carne suína do mundo, que fechou seu frigorífico localizado em Dakota do Sul, o qual respondia por 5% da oferta de carne suína dos Estados Unidos. Essas e outras unidades já foram reabertas, mas o temor de desabastecimento do varejo ainda não está completamente superado.

Para que se tenha uma ideia do impacto sofrido pelo setor, o presidente da empresa Tyson Foods afirmou em entrevista que a produção diária de carne suína dos Estados Unidos havia caído cerca de 43% no final da última semana de abril. Essa situação tem aumentado as oportunidades de acesso a novos mercados por parte dos exportadores brasileiros, já que uma das preocupações centrais das empresas estadunidenses, no momento, é o abastecimento do mercado interno.

De acordo com relatório recentemente divulgado pelo USDA, a produção estadunidense de carne suína em 2020 deve apresentar queda de 0,7%, em razão de problemas associados à pandemia (a projeção anterior era de crescimento de 1,0%).

Segundo balanço da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), os efeitos da pandemia na oferta mundial de produtos cárneos ainda são de difícil quantificação. Como a cadeia de processamento animal é intensiva em mão de obra, medidas de distanciamento social e quarentena nos países produtores devem ocasionar redução de oferta, a exemplo do que já vem sendo observado nos Estados Unidos.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa

tabajara@epagri.sc.gov.br

As reuniões de janeiro, fevereiro e março de 2020 do Conseleite/SC indicaram preços de referência estáveis para a matéria-prima leite. O preço mais elevado destas três reuniões foi o projetado na reunião de março, de R\$1,2387/l, que significou um crescimento de apenas 1,31% sobre o preço de referência de dezembro de 2019, de R\$1,2227/l. Como na metodologia do Conseleite o preço de referência para a matéria-prima leite tem relação direta com os preços pelos quais as indústrias vendem seus produtos lácteos, fica claro que, de maneira geral, seus preços estiveram estáveis nestes últimos meses, ainda que um ou outro produto possa ter apresentado variação de preço um pouco mais significativa, para mais ou para menos. Na reunião de abril, o quadro mudou significativamente. Não apenas o preço definitivo de março ficou 4,7% acima do projetado na reunião anterior (R\$1,2387/l), como o projetado para abril teve nova alta (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2018-20

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	10,1	8,5
Abril	1,1295	1,2185	1,3461	7,9	10,5
Maio	1,1522	1,2535		8,8	
Junho	1,3454	1,2036		-10,5	
Julho	1,4050	1,1560		-17,7	
Agosto	1,2997	1,1918		-8,3	
Setembro	1,2582	1,1767		-6,5	
Outubro	1,2351	1,1516		-6,8	
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Abril/2020: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Está consagrado no sistema de funcionamento do Conseleite, e já é de domínio público, que os preços resultantes das reuniões mensais são apenas uma referência para os preços que as indústrias pagam aos produtores. Mas, é fato que, ao longo dos anos, aumentou a sua importância no sentido de dar mais transparência a esta relação, historicamente pouco simples. Assim, os seus resultados servem de base para muitas negociações entre os produtores e indústrias, seja como parâmetro de preço ou como tendência de mercado. Como o preço projetado para abril¹¹ ficou 9,1% acima do valor de fevereiro, a lógica e o histórico indicam que os preços aos produtores aumentariam sensivelmente neste mês de maio, o que não apenas não se confirma como há expressivas e generalizadas reduções nos preços recebidos. Embora os

¹¹ No sistema do Conseleite, o preço de referência de um mês serve de base para o preço a ser pago aos produtores no mês seguinte.

levantamentos da Epagri/Cepa ainda estejam em andamento¹², há indicativos de reduções até superiores a R\$0,15/litro.

Esse descompasso entre o preço sinalizado e o que seria praticado foi antecipado na “Nota Técnica do Conleite-SC Abril de 2020”, emitida poucos dias após a reunião. A nota informava que *“a Covid-19 tem provocado rápidas e inesperadas mudanças no mercado de lácteos; o variado mix de produtos das empresas define diferentes capacidades de pagamento para o leite dos produtores; no momento é especialmente o mercado de queijos muçarela para restaurantes, pizzarias, lanchonetes, o mais prejudicado; gradativamente outros produtos também começam a apresentar dificuldades de comercialização”*, lembrava que *“o valor de referência projetado pode mudar quando o mercado de derivados está em alta e, o inverso, quando o mercado está em baixa”*. Como “conclusão” destacava que o mercado lácteo teria decrescido depois dos levantamentos que serviram de base para o preço de referência projetado para abril, e indicava que *“os produtores rurais recebam oferta de preços mais baixos para a sua produção, em relação ao pagamento anterior”*.

Embora o mercado de derivados esteja oscilante e complexo, não é uma explicação de fácil assimilação, especialmente pelos produtores, seja porque o preço de referência final de março tenha ficado bem acima do que havia sido projetado, o que indica elevação de preços de pelo menos parte dos lácteos naquele mês, ou porque houve nova elevação no preço de referência projetado para abril, indicando nova elevação nos preços de parte dos produtos lácteos. Neste caso, deve-se considerar, ainda, que a reunião de abril foi no dia 30, o que permitiu que o período de apuração dos preços dos derivados englobasse quase todo o mês, conforme mostra a resolução emitida pelo Conselho.

Assim, mesmo considerando a complexidade atual do mercado, parece claro que em maio poderia ter se repetido o que se observou em abril, com as empresas praticando políticas diferenciadas de preços, sem generalizadas, e, em muitos casos, acentuadas reduções de preços. É mais provável que, em alguns casos, isso se explique menos pelo comportamento do mercado de lácteos em abril do que por outros pontos abordados na referida nota: a queda na demanda por lácteos, a ampliação dos estoques de alguns derivados nas indústrias e a dificuldade do financiamento destes estoques, e, principalmente, as incertezas sobre o futuro do mercado interno, responsável exclusivo pelo desempenho da cadeia láctea brasileira.

É possível que sejam essas incertezas, e algumas “certezas”, que expliquem a “Nota Sindileite-SC aos Produtores de Leite – Covid19/002-2020 – 24.04.2020”, que mencionava um provável agravamento do desequilíbrio entre oferta e consumo de leite, e alertava para a necessidade dos agentes da cadeia tomarem medidas preventivas, entre elas o controle de produção. O que não deixa de ser uma “institucionalização” de um procedimento iniciado isoladamente por algumas empresas (nem sempre associadas ao Sindileite/SC), que sentiram mais rápido e intensamente as adversidades de mercado decorrentes da pandemia da Covid-19, e ainda em março emitiram notas com conteúdo parecidos aos produtores.

Importante frisar que isso tudo está se dando em pleno período de entressafra da produção leiteira estadual e brasileira, com os produtores catarinenses tendo perdas de produção pela estiagem e aumento de custos pela estiagem e elevação dos preços de alguns fatores de produção.

¹² Essa análise foi escrita no dia 13/05, quando ainda não era conhecido o preço pago aos produtores por muitas indústrias do estado.